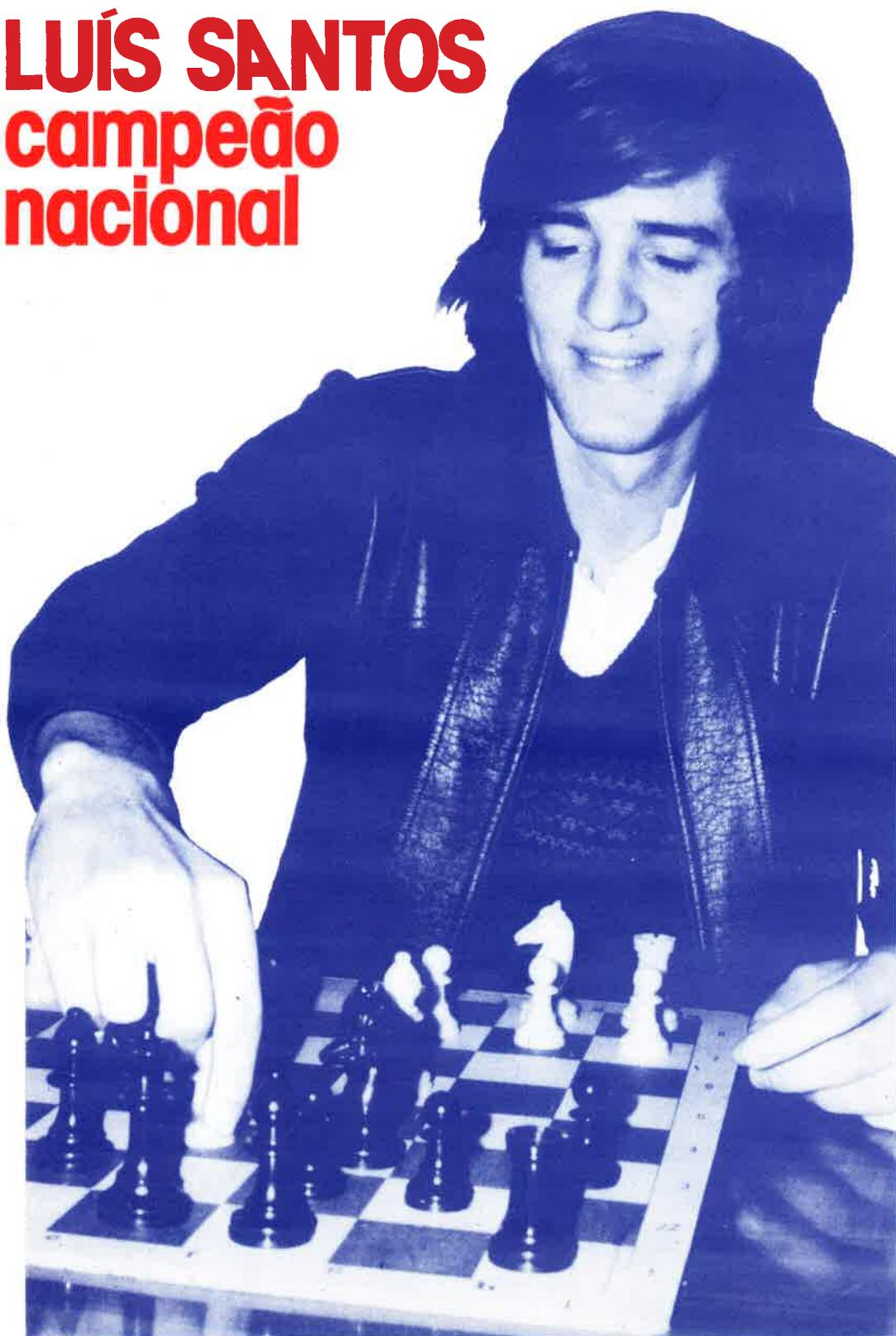


# xadrez

**LUÍS SANTOS**  
campeão  
nacional



**KARPOV**  
campeão  
mundial

■ as partidas  
do match



**MAIA**  
campeã  
mundial

■ as partidas  
do match

## SUMÁRIO

- 122 As 24 Horas do Benfica
- 123 Campeonato Mundial Masculino: as partidas
- 129 Soluções
- 130 XXXIV Campeonato Nacional
- 134 O Sistema Elo
- 135 Finais
- 136 Crónica do Hibernado
- 137 Campeonato Mundial Feminino: as partidas
- 139 Problemas

**Proprietária e editora:** Federação Portuguesa de Xadrez — **Sede da redacção e administração:** Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2º, Lisboa-1 — Tel. 53 90 27/8.

**Director:** Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Augusto Fernandes (chefe de redacção), Álvaro Pereira, José Oliveira, José Pereira dos Santos, José de Sousa, José Vinagre, Luis Santos, Miguel Costa, Rui Nascimento, Rui Silva Pereira, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirino, Vitor Cardoso — **Colaboram neste número:** António Pereira dos Santos, Eduardo Monteiro, Fernando Silva, Jaime Gilbert, Luis Ochoa — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos — **Correspondentes:** Cássio Martins (S. Paulo - Brasil), Joaquim Serra (Setúbal), Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Isabel Rodrigo, José de Almeida

**Composição e impressão:** GRUA Artes Gráficas, Lda., Calçada dos Barbadianhos, 114-A, Lisboa

**Tiragem:** 5.000 exemplares

**Distribuição:** Agência Portuguesa de Revistas

**Preço por número:** 25\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** Portugal: 150\$00, Espanha: US\$4.50, Europa e países africanos de expressão portuguesa: US\$6.00, Restantes países: US\$8.00, ou o equivalente noutras moedas. Números atrasados: 15\$00

## NACIONAL

# As 24 horas do «Benfica»

Isto de chamar malucos a uns e simultaneamente tomar parte nas maluqueiras!...

Teve a "maluqueira" lugar no Restaurante do Benfica, no Estádio da Luz, e a ela concorreram cento e sessenta e seis ajuizados xadrezistas, alguns deles mais tentados em demonstrar os seus dotes de resistência do que propriamente em jogar menos mal, já que bem, claro, naquelas condições (durante tanto tempo), nem os "craques".

Na verdade, em "rápidas", quer de cinco quer de trinta minutos; muito menos durante vinte e quatro horas — não fossem os pequenos intervalos e eram consecutivos — é impossível jogar dentro do espírito para que foi criado o xadrez. Mas, alguns, porém, nem tentaram, aproveitando-se deles apenas a sua voluntariedade, o que, diga-se, já não foi nada mau, pois quanto mais, contribuiu para a realização da festa.

É claro que o leitor certamente já se apercebeu de que nos estamos a referir às "II 24 Horas de Xadrez do Benfica"! Vinte e quatro que, para os finalistas das rápidas de cinco minutos seriam quase vinte e sete! Enfim, uma experiência (para alguns já não foi experiencial) interessante (doida é o termo), a que alguns, poucos, não lograram resistir, embora tivessem a consciência de claudicar nos intervalos e não em plena partida — salvo um caso mas... adiante! — o que seria uma barraca de todos os tamanhos. Porém, a verdade é que muitos, ou seja, cento e trinta "ajuizados", foram até ao fim, embora, de entre eles, muitos houvesse que, pelo caminho, ofertassem ao adversário uns cavalitos, uns "eclesiásticos" (não falando nos casos mais dramáticos onde nem a dama era poupada), fruto de uma soneira que se ia fazendo sentir.

Primeiro as "semi-rápidas", depois as "rápidas", a verdade é que o tempo ia passando, os intervalos iam surgindo, o bar ficava mais vazio (apesar de caro!), os desistentes apareciam, e os fortes... continuavam! As quinze horas de sábado do dia x deu-se início à "maratona" e após um matraquear de peças e relógios respeitante a meia-dúzia de sessões, a noite chegava sem avisar. Como o tempo passava depressa! E se a noite chegara sem avisar, da mesma forma apareciam os primeiros sinais da aurora, visíveis para aqueles que, casualmente, deitavam uma olhadela para a janela. Mas o matraquear, esse continuava, pois claro, alheio à hora, alheio ao dia ou à noite, fria lá fora, bem quente no restaurante.

Mas como ia dizendo, isto de pregar moral a uns e... Adiante!

Como é natural (para tanta gente), o sistema de jogo foi o suíço, e por tal facto os concorrentes iam viajando de fila em fila de acordo com as suas posições; outros porém, lançaram as âncoras à primeira fila e daí já não arredaram pé, sintoma de que, partida a partida, iam pontuando.

Só às 9 horas de domingo o torneio das "semi-rápidas" estava concluído, tendo-se consumido nada mais nada menos do que dezassete horas e meia!

Um breve intervalo teve então lugar, e foram vários os jogadores que aproveitaram a "deixa" para ir até ao bar ingerir um fortificante pequeno-almoço, enquanto outros, em número inferior, foram para baixo do chuveiro, onde refrescaram as ideias e deram nova vida às energias deitadas por terra.

Porém, não tardaria que novo torneio tivesse lugar, desta vez, o que correspondia às rápidas propriamente ditas. Contrariamente ao que estava estabelecido, pois o tempo já não era muito e o processo envolvia uma certa morosidade. Assim, foram votadas duas propostas, uma sugerindo desde logo a constituição de séries de acordo com a classificação do torneio anterior, e a outra, optando pela formação de dez séries preliminares a apurar o primeiro para uma final que seria realizada para além das vinte e quatro horas. E seria esta última a escolhida, o que viria provar que o cansaço, afinal, não era tão grande como se poderia pensar.

Nesta altura porém, despontava já uma surpresa! Ilda Miranda, a única concorrente feminina e vice-campeã nacional da especialidade, continuava a resistir e de que maneira. Depois de ter conseguido uma positiva classificação no torneio

de "semi-rápidas", estava agora a fazer uma prova muito regular, ficando assim na segunda posição da sua série. Para já fica o exemplo e que isso ponha fim aos tabus (se é que os há) do xadrez feminino. Veremos se para o ano há mais meninas — a participar nas "24 Horas", até porque sempre ouvimos dizer que estas são um tanto menos ajuizadas que os rapazes.

Cerca das 12.30 teria lugar nova interrupção, desta feita para comer o almocinho, mas a paragem não seria longa, até porque o adiantado da hora e o muito que havia ainda para jogar não permitia o contrário. E de novo o matraquear ressoava, agora a um ritmo mais acelerado, pouco a pouco as classificações nas variadas séries iam-se clarificando até que os finalistas eram finalmente encontrados.

Antes do final, contudo, e quando se passava sensivelmente pelas vinte e quatro horas, teve então lugar a distribuição das medalhas comemorativas, entregues apenas àqueles que lograram atingir o tempo estipulado. Decepção para os que ficaram para o fim (da distribuição), pois as medalhas não chegaram para todos. Seria no entanto prometido que posteriormente todos aqueles que se quedaram por ver os outros receber, seriam contemplados igualmente, ficando o Benfica a aguardar que uma nova remessa lhe fosse entregue.

E a final ia começar.

A sala, praticamente vazia, albergava apenas os protagonistas desta derradeira fase, organizadores, árbitros e um ou outro espectador. Na verdade o cansaço dera finalmente mostras de existir, e aqueles que sentiam a sua obrigação satisfeita, não resistiam e muito naturalmente abandonavam um local que os tinha "agarrado" durante cerca de vinte e cinco horas.

A história da final? É uma história idêntica à de qualquer outra final de rápidas, a que se poderá apenas acrescentar o facto de se ter feito mais erros, mas a fadiga era sem dúvida uma verdadeira atenuante.

De tudo isto, porém, ressaltou, mais do que qualquer outra coisa, o convívio, o entusiasmo, o apego, em suma, a paixão pelo xadrez. Na verdade novos e velhos estiveram lá, uns resistindo, outros claudicando, mas foram poucos os que abandonaram. E o Vasco Santos, o "Hibernado" que descongelou para fazer ver aos novos que ainda "mexe", sim, o Vasco que aqui na Revista atira umas "bocas", servindo-se da sua crónica habitual para atentar contra o respeito daqueles que, muito cheios de boa vontade vão a Cabo Ruivo disputar umas rapidazitas durante a noite, esse mesmo Vasco que anda sempre a dizer que "foi a última", "isto é bom para os novos", também lá esteve. Ora esta! Isto de chamar malucos a uns e...

JOSÉ DE SOUSA

### CLASSIFICAÇÃO DAS "24 HORAS"

#### "Semi-rápidas"

- 1º — Joaquim Aníbal, 10 pontos
- 2º — Almeida e Sá, 9 pontos
- 3º — Alberto Fernandes César Cardoso Agostinho Cardoso Fernando Cardoso, 8,5 pontos
- 7º — Armando Baptista Fonte Santa, 8 pontos
- 9º — Manuel Almeida Júlio Santos, 7,7 pontos

#### "Rápidas"

- 1º — Júlio Santos, 8 pontos
- 2º — Alberto Fernandes, 6,5 pontos
- 3º — Armando Baptista, 6 pontos
- 4º — Almeida e Sá, 5 pontos
- 5º — Agostinho Cardoso, 4,5 pontos
- 6º — Filinto Teixeira, 4,5 pontos
- 7º — Américo Rebordão, 4 pontos
- 8º — José de Sousa, 3,5 pontos
- 9º — Fernando Antunes, 2 pontos
- 10º — Fonte Santa, 1 ponto

# Karpov-Korchnoi 1978

Após 32 partidas, disputadas ao longo de 93 dias, Karpov conserva o título de campeão mundial, vencendo pela margem mínima Viktor Korchnoi num match fértil de interesse xadrezístico e de incidentes. Continuamos a publicação das partidas, iniciada na RPX nº 17.

## KORCHNOI – KARPOV

11ª PARTIDA  
*Siciliana*

O êxito de Korchnoi surge na sequência da vantagem que sempre tem obtido quando conduz as brancas. Karpov voltou a mostrar-se pouco seguro na abertura, e o seu "jogo morno" proporcionou uma evidente vantagem posicional a favor do seu adversário. Este preparava-se para atacar no flanco de rei quando o campeão, reconhecendo que não podia ficar inactivo, resolveu ganhar espaço na outra ala. Na verdade veio a conseguir mas apenas a custo de importantes debilidades, que Korchnoi se apressou a explorar. Um erro de Karpov veio a apressar um desfecho talvez inevitável, pois o desafiante aproveitou a pregação de um cavalo para ganhar uma qualidade, isto logo ao movimento 28. A partir daí, toda a resistência foi inútil, e Karpov poderia ter resignado bastante mais cedo do que o fez (AP).

Onde esteve Karpov para perder uma partida de teor posicional e por carência de plano efectivo? Korchnoi sim, mostrou uma vez mais quanto é perigoso ao conquistar espaço e respirar a plenos pulmões por todo o tabuleiro (JC).

Korchnoi iniciou o encontro de uma forma que certamente arrancaria aplausos a Reti, Breyer, Nimzovitch e outros hipermodernistas, avançando o seu peão de cavalo de rei uma casa. Isto deve ter sido provocado por uma análise correcta do estilo do seu rival, que é um jogador do tipo clássico, e proporcionou os seus frutos, pois Karpov, ao pretender criar um esquema defensivo sólido e tradicional, saiu da abertura com jogo pouco elástico e estrategicamente desfavorável.

Os princípios do hipermodernismo, surgidos na segunda década deste século, procuraram renovar toda a concepção clássica do xadrez, paralelamente ao que acontecia nas outras artes (leia apenas "nas artes" quem não considerar o "nobre jogo" como tal). Assim sofreu a influência, nomeadamente, do Dadaísmo, e é curioso referir que o célebre artista plástico Marcel Duchamp foi também um forte xadrezista, e um dos precursores do movimento escaquístico em questão.

O hipermodernismo não foi menos revolucionário do que os seus congéneres plásticos e, como eles, sofreu duros ataques dos defensores das velhas escolas. O dr. Segismund Tarrasch terá sido o paladino intransigente das ideias clássicas, mas as novas concepções acabaram por impor-se, até porque, em xadrez, o "bom" e o "mau" são muito menos subjectivos do que, por exemplo, em pintura, e os hipermodernistas conseguiram demonstrar toda a pujança das suas renovações; bastará recordar que o grande José Raul Capablanca viu quebrada a sua invencibilidade de dez anos frente a Richard Reti

(no torneio de Nova Iorque, 1924), depois de uma abertura decididamente hipermodernista: 1. Cf3 Cf6 2. c4 g6 3. b4 Bg7 4. Bb2 0-0 5. g3 b6 6. Bg2 Bb7 7. 0-0 d6 8. d3, etc.

Contrariamente ao espírito clássico, a nova concepção advogava que o centro se deve controlar indirectamente a partir dos flancos. Actualmente, nem um nem outro destes princípios é tomado como dogma, mas a corrente eclética do xadrez moderno deve um grande contributo aos hipermodernistas (AP).

### 1. g3

O candidato, conhecido pela sua agressividade, inicia a partida com um lance tipo metralhadora! (AP)

Uma surpresa logo ao primeiro lance! Era de esperar mais uma nimzoíndia ou outro gambito de dama, onde Korchnoi obteve situações vantajosas nas anteriores partidas.

Talvez tenha sido para quebrar o azar que teve nesses jogos!

Este lance, que prepara o desenvolvimento do bispo de rei para a grande diagonal, pode muitas vezes proporcionar ao primeiro jogador posições usualmente jogadas pelas pretas com um tempo de vantagem.

Em qualquer partida de xadrez, o primeiro objectivo da abertura consiste na ocupação do centro (e4, d4, d5, e5) por peões, para mais fácil e melhor desenvolvimento das peças... (LS)

Uma abertura de flanco bastante elástica mas considerada como irregular: as brancas convidam as pretas a "mudar" de cor... para lhes oporem uma "Defesa" com um tempo a mais (o de saída) após: ,1...d5; ou 1...e5; Por outro lado V. Korchnoi é um especialista deste género de sistemas dentro da Abertura Inglesa (1. c4,...;) pelo que poderia supor-se esperar apenas uma transposição de lances para ela, iludindo o "contra-fianchetto" do Bispo de Dama (a seu tempo "b6" e logo "Bb7") das pretas, também ao gosto de A. Karpov (JC).

### 1...c5

Dois minutos e meio de reflexão por este lance... V. Korchnoi não é jogador de Peão de Rei e A. Karpov especula com isso, aparentemente pouco preocupado em evitar e4, passando por alto que sem inversões a sua opção defensiva talvez não recaísse numa Siciliana mas, por exemplo, numa Caro-Kann (1. e4 c6) com que neutralizou as brancas a B. Spassky no match de Leninegrado (1974) (JC).

### 2. Bg2

...mas em vez dessa ocupação imediata, também é boa estratégia o controlo a distância das casas centrais, pois assim dificulta-se o mesmo plano ao adversário e mais tarde os peões do meio poderão avançar com segurança (LS).

### 2...Cc6 3. e4

Esta jogada, aparentemente absurda, por-



que tapa a diagonal ao "recém-nascido", além de começar já a ocupação central tem a missão de impedir o d5 das negras, que é de extrema importância, pois as pretas dominam d4.

Depois de 3. e4 fica definida a defesa siciliana (1. e4 c5), porque esta posição pode ser alcançada com a seguinte ordem: 1. e4 c5 2. g3 Cc6 3. Bg2, mas que permitiria 2. ...d5! (em vez de 2. ...Cc6), considerado bom pela teoria de aberturas (LS).

A ordem de lances não é pois ocasional (JC).

Também se pode dizer que estamos em presença de uma inglesa com cores invertidas (portanto com um tempo a mais para as brancas) 1. c4 g6 2. Cc3 Bg7 3. g3 e5.

Karpov devia estar à espera de uma formação tipo Índia de rei (defesa que Korchnoi joga de negras) e, foi certamente muito mais surpreendido com este lance do que com 1. g3 (LS).

No "match" de Moscovo (1974), na 2ª Partida, também V. Korchnoi se "aventurou" a uma Siciliana com pretas e foi exemplarmente castigado por A. Karpov (contra uma variante "Dragão") em 27 lances... (JC)

### 3...g6 4.d3 Bg7 5. f4

As brancas preparam-se para desenvolver o cavalo por f3. Outra hipótese é 5. Ce2 (AP). Presentemente há a preferência por este avanço de peão. Há uns anos entendia-se preferível desenvolver primeiro o Bc1, pelo que era habitual a sequência 5. Cc3 Cf6 6. Cf3 0-0 7. f4 (EM).

### 5...d6 6. Cf3 Cf6

Talvez um pouco melhores são 6. ...e6 ou 6. ...e5, para desenvolver o cavalo por e7, deixando as casas centrais e5 e d4 controladas e facilitando um eventual f5. O lance de Karpov não debilita f6, sendo portanto mais sólido (LS).

Parece mais saudável 6...f5, com ideia de Cf6, ou mesmo 6...e6 e 7...Cge7 (AP).

### 7. 0-0 0-0 8. c3 (! - LS)

Luta pelo importante escaque d4, continuando o plano da ocupação central.

Mas o ponto de exclamação deve-se sobretudo ao facto de Korchnoi não ter jogado 8. Cc3, entrando numa variante típica da siciliana cerrada (considerada com óptimas perspectivas para as brancas), que Karpov tanto praticou nos seus tempos de júnior conduzindo as brancas (LS).

Deixando patente a vantagem deste esquema em relação à habitual variante cerrada (1. e4 c5 2. Cc3) 8. c3 sustem d4 que, naquela linha, costuma ser o ponto-chave do contrajogo das negras (AP).

Este sistema fechado contra a Siciliana, isto é, quando excepcionalmente as brancas adiam o avanço d2-d4, habitual depois de: 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. d4 ...; etc., proporcional quase sempre à saída urgente do Cavalo de Dama. Vejamos: 1. e4 c5 2. Cc3, ...; com ideia de evitar o já referido d7-d5 das pretas, que muito ajudaria a libertar o jogo das suas figuras. Mas como aqui isso não foi necessário, conforme acima se explicou, V. Korchnoi teve tempo de reforçar o seu centro de Peões com este lance, sempre útil mesmo no desenrolar das variantes assinadas, o que não abona a exactidão de "Abertura" de A. Karpov nesta partida (JC).

### 8...Tb8

No intuito de contra-atacar na ala de dama e colocar a Ta8 fora da acção distante do Bg2 (JG).

### 9. De2

As brancas preparam d3-d4 com a ideia de anular o avanço b7-b5 (EM).

### 9...Ce8

Pode parecer mais cauteloso: 9...e5? !; mas para isso viria a provocar, mais tarde ou mais cedo, a posse da coluna f pelas brancas o que ocasionaria os seus problemas ao "roque" das pretas. Com o lance do texto, as pretas antecipam-se a eventuais ameaças tácticas de um "e4-e5", para além de darem vida ao seu Bispo de Rei e manobrem o Cavalo de forma a auxiliar o contrajogo natural sobre o flanco de Dama (JC).

Impede d4, já que o peão e4 agora está defendido (LS).

Karpov, surpreendido com o Sistema do

seu adversário escolhe um plano passivo e pouco eficaz.

Considero melhor 9...b5 e se agora 10. Be3 b4 11. d4 bxc3 12.. bxc3 cxd4 13. cxd4 d5 14. e5 Ce4 com bom jogo (FS).

### 10. Be3 Cc7 11. d4 (! - AP)

As brancas conquistam assim o predomínio central (AP). Para além disso, este miúdo avanço atenta bem às dificuldades da posição, esperando sem receio d5 das pretas com o sinal de "stop" já plantado (JC).

### 11...cxd4

Interessante seria 11. ...b6, se 12. d5?; Ba6 13. c4 Ca5 14. Ca3 (ou Tc1, se Cd2, 15. ...Bxd2); b5, etc. (LS).

### 12. cxd4 Bg4

Este lance tornou-se temático depois que Petrosjan o aplicou contra Spassky. O B destina-se a ser rocado pelo C (EM). Ameaça tomar em d4. Aqui também era de ter em conta o b6 ou b5 para continuar com Ba6 (LS).

### 13. Td1

Ameaça 14. d5. Se d5? Cd4! (AP)

### 13...d5

A maior desvantagem de 8. c3 em relação a 8. Cc3 é o permitir esta reacção central. Não se pode ter tudo! (LS).

Parece-nos aconselhável 13...Ce6 14. e5 dxe5 15. dxe5 Ced4 16. Bxd4 Cxd4 17. Df2 Cxf3+ 18. Cxf3 Dc8 com superioridade mínima das brancas (JG).

### 14. e5 Dd7 15. Ce3

Finalmente houve "luz verde" para o Cavalo de Dama das brancas, com a enorme vantagem de sair, resolvido já o problema de fixação do centro. Não havendo portanto ataques sobre "d4 talvez fosse aconselhável para as pretas tentar "f6", ou mesmo "f5" que apesar do seu péssimo aspecto estrutural dificultará o cómodo domínio posicional das brancas (JC).

### 15...Tfc8 16. Df1!

Esplendido! A Dama prepara-se para ceder passagem ao seu Bispo de Rei, uma figura forte mas aqui ainda encerrada entre os seus pares, para uma zona mais operacional e onde as pretas pensavam dispor de um fácil contra-ataque, aliás habitual perante a disposição de peças em causa (JC).

Korchnoi faz a união das figuras pesadas na primeira fila e simultaneamente ameaça 17. h3 com exclusão do Bg4 do ataque. Karpov não deve retirar o Bg4 - terá de trocá-lo, pois provocaria uma avalanche branca de peões na ala de rei (JG).

### 16...b5

As negras procuram reagir no flanco de dama, única forma de evitarem um lento mas potente avanço maciço dos peões brancos sobre o seu rei (AP).

Demasiado tarde! Agora torna-se difícil abrir a coluna b, uma vez que já não existe o peão c3. A posição de Karpov é passiva, restando-lhe aguardar os acontecimentos (FS).

### 17. h3 Bxf3

Se 17...Bxf5? 18. g4 principiando um forte ataque (LS).

### 18. Bxf3

Mais uma vantagem para Korchnoi: o par de bispos (FS).

### 18...bxd4 ?

Ainda que a situação do Peão h5, eventualmente bloqueado pudesse representar um alvo, o certo é que este avanço é errado, permitindo às brancas o absurdo de decidirem o jogo sobre o flanco "forte" das pretas! Fácil será verificar o caso pelas suas consequências imediatas, pelo que nos dispensamos propor melhoras quando elas são simples e bem podem ficar ao cuidado do leitor, registando apenas a invulgaridade de um erro táctico posicional de tal calibre num jogador da classe e segurança do actual campeão do Mundo (JC).

Bastante duvidoso! A ideia era responder a 19. Ca4 com 19...Cxd4! porque se 20. Cc5 (20. Bxd4 Dxa4) Cxf3+ mas melhor era 18...Ca5 e só depois b4 por causa da resposta do texto (LS). Dizer que este lance é mau é fácil, o difícil é dizer qual seria o melhor para as negras. Claro que estabilizar a ala de dama deixaria as negras em posição meramente passiva, mas não perderiam tão

apressadamente. Vejamos uma hipótese: 18...a6 19. Bg4 e6 20. Be2 Ca8 21. Tdc1 Cb6 23. b3 (EM).

### 19. Bg4!

Provocando 19...e6 e assim conseguindo subtrair a casa e6 a um C preto, o que permite a fácil instalação do C branco em c5 via a4 (JG).

Sem estar apurado com o tempo, Korchnoi não perdoa! Uma excelente jogada intermédia! (LS)

### 19...e6 20. Ca4 Ca5

Agora não era possível 20...Cxd4, por 21. Cc5, seguido de 22. Bxd4, sem que o Cd4 possa tomar algo. A partir daqui Karpov começa a ter problemas difíceis de resolver (LS).

Ainda que pobre, talvez: "Bf8" servisse melhor os interesses das pretas, para seguir-se com: 21. Cc5 Bxc5 22. dxc5 Ce8; e esperar pelo mau tempo protegido da chuva... (JC)

### 21. Cc5 De8 22. Be2!

Na sua necessária busca de actividade, Karpov debilitou perigosamente a ala de dama, para a qual irá agora Korchnoi transferir os seus alvos de ataque (AP).

Evita Cc4 e aponta perigosamente para b5 e a6 (LS).

### 22...Cb7

A situação das pretas é delicada. A ter em conta 22...Bf8!? (AP)

Se 22...Ca8 23. Bd2 Dd8 24. De1. O Pb4 está muito fraco (EM).

23. Cxb7 Txb7 24. Tdc1 Dd7 (? ! - AP)

Em caso de: 24...Ca8 25. Txc8 Dxc8 26. Ba6...; ganhando uma qualidade. Mas isso evitar-se-ia com: 24...Tcb8; embora a colocação das Torres pretas não fosse famosa, e o plano das brancas pronto a fazer ouvir os seus Bispos com: "Bd3", seguido de "g4" e logo "f5" como preparativos de ataque ao desprotegido Rei das pretas (JC).

Parece melhor 24...Tbb8. para se 25. Tc2 Ca8 (AP).

O cavalo não se podia mexer, por Txc8 e Ba6. Se 24. ...Da4, 25. a3 b3 26. Tc3 e as negras continuam desesperadas! Pouco convincente era 24. Tbb8 e tentar a manobra Ca8 b6 (LS).

24...Tb6 é igualmente insuficiente: 25. Tc5 Ca8 (25...Bf8 28. Ta5) 26. Ba6 com posição ganhante (EM).

### 25. Tc2

Com lances simples mas eficazes, Korchnoi toma conta do jogo. A posição restringida de Karpov é difícil e a sua próxima jogada apressa o desastre (FS).

### 25...b3 (? - AP, JG, FS)

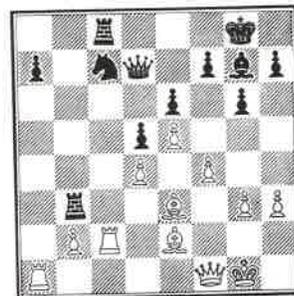
Ainda agora era melhor 25...Tbb8, embora as brancas conquistassem a coluna após 26. Tac1 Ca8 27. Ba6 (AP).

Retirar a Torre de "c8" era o mínimo para se poupar a perda de qualidade; mas isso não evitaria os males já diagnosticados para além da cedência da coluna c com todas as suas consequências (JC).

Lance débil. Karpov não terá previsto o lance 27. das brancas.

### 26. axb3 Txb3 (? - LS)

Um erro em posição inferior. Karpov não deve ter previsto a resposta de Korchnoi! Algumas esperanças oferecia 26. ...Tcb8 (LS).



27. Dc1!

Sem que tivesse efectuado qualquer lance "de problema" e sem erros muito graves do adversário, Korchnoi possui já vantagem decisiva, o que parece condenar todo o esquema que Karpov elegeu na abertura. Agora é imparável o ganho de qualidade (AP).

Defesa e ataque simultâneos! As pretas podem considerar-se perdidas, pois para além do resto as ameaças sobre o Peão "a7" e logo um Peão passado das brancas e a posse do par de Bispos destes, seria suficiente para lhes retirar qualquer hipótese de defesa técnica (JC).

#### 27...Tb7

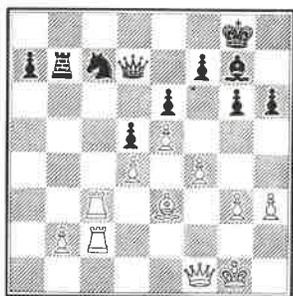
Perde a qualidade (troca de torre por peça menor: bispo ou cavalo) mas resolve o grave problema da pregagem (LS).

Mas a dádiva da qualidade implica também a vitória branca (JG).

#### 28. Ba6 (! - LS)

Na altura exacta, Karpov já tentava safar-se com Tcb8 (LS).

#### 28...Tcb8 29. Bxb7 Txb7 30. Ta3 h6



#### 31. Tac3

Com vantagem decisiva, Karpov podia abandonar neste momento mas resolveu prolongar o jogo por mais vinte lances (FS).

#### 31...Cb5 32. Tc8+ Rh7 33. T2c6 f6

A melhor hipótese é abrir linhas sobre o rei branco, para tentar algum xeque perpétuo. Missão impossível, pois as brancas estão demasiado activas (LS).

#### 34. Rg2 (! - LS) Df7 35. Dc2 a5 36. g4

Impedindo mais uma vez a eventual entrada da dama negra em f5 e preparando um demolidor f5 (LS).

#### 36. fxe5 37. fxe5 a4

Tentando desviar as torres pretas para obter um mínimo de entradas sobre o Rei das brancas à procura de um milagroso xeque-perpétuo (JC).

#### 38. Ta8

Se 38. Dxa4? Ca7. Até agora este duplo de nada servia por T8(ou 6)c7 (AP).

#### 38...Ca7 39. Ta6 De7

Se 39...Tc7 40. Dxa4 Cc8 41. Tc6 etc (LS).

#### 40. Txa4 Tc7 41. Db3 Cc6 42. Ta1 Cb4 43. Tc1

Um xeque de torre em c2 podia alterar tudo! (LS)

#### 43...Tc4

A imediata troca de Torres para nada servia, e agora ainda existe a patética cilada: 44. Txc4? dxc4 45. Dxc4? Db7+; seguido de: 46...Dxa8; que sem salvar a partida... desferraria da anterior perca de qualidade (JC).

#### 44. Tb8 Txc1 45. Bxc1 De7 46. Txb4 Dxc1 47. Dd3 h5

Única possibilidade de encontrar um xeque! E atenção: 48. gxh5? Dg5+ impossibilitaria a interposição 49. Dg3? por 49...Dd2+ seguido de Dxb4 e as pretas ganhariam uma torre (JC).

#### 48. Tb6 Rh6 49. gxh5 Dg5+ 50. Dg3 Dd2+

e Karpov abandona sem esperar resposta. Após: 51. Df2 Dg5+ 52. Rh2...; pararia os xeques, uma vez que: 52...Df4+ 53. Dxf4 Bxf4+ 54. Rg2...; proporcionaria uma fácil demonstração vitoriosa, pela solidão de um Bispo contra uma Torre com Peões a juro... Mas ainda: 52. Rh1...; estaria bem, pois: 52...Dc1+ 53. Dg1...; conduziria ao mesmo, com a desvantagem das pretas já não poderem recuperar o Peão de "h5" sem a desvantajosa troca de

Damas, e finalmente com: 52. ...Dxh5 53. Tb7+ Bg7 54. Rh2...; ou 54. b4...; etc., anulariam todos os perigos, entre outras variantes ainda possíveis de trazer a Torre para próximo do seu Rei, tapando à Dama adversária parte das suas eventuais e passageiras entradas, antes de promover o avanço do Peão livre ou rematar um ataque ao próprio Rei das pretas (JC).

### 12ª PARTIDA KARPOV - KORCHNOI Espanhola

#### 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4 6. d4 b5 7. Bb3 d5 8. dxe5 Be6 9. De2

Com este lance entra-se no sistema Keres (ou ataque Howell (LO), ataque de Moscovo (JC)), que começou a ganhar popularidade por volta de 1946. Durante cerca de trinta anos esta era a linha mais perigosa que as negras tinham de enfrentar. Porém, nos últimos anos muitas melhorias foram descobertas em favor das pretas, sobretudo pelos grandes mestres Bent Larsen e Viktor Korchnoi, e já não é fácil para as brancas conseguir uma vantagem na abertura. Mas Bobby Fischer jogava 9. De2!; a ideia é simples e consiste num rápido ataque ao peão d5, aproveitando a posição da dama negra depois de 10. Td1. (LS)

#### 9. Be7

Melhor que 9...Ca5 ou 9...Cc5, mas uma interessante alternativa é 9...Cc5 (LS)

#### 10. Td1 0-0

Em posições abertas deve-se rocar o mais cedo possível para evitar desastres como o da oitava partida! (LS)

#### 11. c4

Proseguindo com o plano de ataque ao Pd5 (LS)

#### 11...bxc4 12. Bxc4 Bc5

Recusando jogar a ideia de Larsen nesta posição 12...Dd7 (A-JPS) que tem a intenção de contra-atacar por intermédio de f7-f6, um lance típico em muitas linhas deste sistema (JC). 12...Dd7 13. Cc3 Cxc3 14. bxc3 f6 15. exf6 Bxf6 16. Bg5 Ca5 17. De6 e as brancas estão melhor, Fischer-Ree, Nathanya, 1968 (LO). A outra possibilidade 12...dxc4 13. Txd8 Txd8, sacrificando a dama em prol de uma certa vantagem de desenvolvimento (14. Dxe4 é mau porque não existe resposta satisfatória contra 14...Td1+) representa um risco desnecessário num "match" em que o título mundial está em jogo (A-JPS). A ideia do lance do texto é obter uma troca de Bispos que desproteja o ponto b2, para que as pretas se possam libertar da pregagem à sua dama com ameaças sobre ela (JC).

#### 13. Bc3 Bxe3 14. Dxe3 Db8

Desfazendo a pregagem ao Pd5 e se 15. Bxd5? Bxd5 16. Txd5 Dxb2 (LS).

#### 15. Bb3 Ca5

Outro plano é 15...Db6 16. De2 e agora tanto 16...Tad8 como a recomendação de T. Petrossian 16...Ce7 com a ideia de c7-c5 aceitando-se dentro de uma leve vantagem das brancas boas possibilidades de defesa para as pretas (JC).

Parece mais forte que 15...Db6 porque depois de 16. De2 o peão b2 fica protegido, obrigando as negras a defenderem o d5 sem dar tempo para a eliminação do perigoso bispo branco. A Partida Hubner-Korchnoi, em 1974, seguiu: 16. De2 Tad8 17. Cc3 Cc3 18. bxc3 Dc5 19. h3 Bc8 20. Dd3 Tef8 21. Tde1 g6 22. Tad1 a5 23. Ba4! Bd7 24. Dxd5 Db6 25. Cg5! Tf8 26. Dc4 Cb8 27. Tb1 Da6 28. Dh4 h5 29. Txb8 Txb8 30. Bxd7 Dd3 31. Ce4 Tb6 32. e6 fxe6 33. De7 Dd5 34. Cg5 Txf2 e abandonam as negras. 1:0. (LS)

#### 16. Ce1

Este lance que ameaça 17. f3 não me agrada sobremaneira. Keres na sua partida contra Euwe, em 1948!, continuou 16. Cbd2 Cxd2 17. Txd2 Cxb3 18. axb3 Tc8 com vantagem branca (AP). Lance original da partida Hubner-Demarre, Dresden, 1969. O cavalo de rei branco pretende migrar a c5, onde assume uma posição de bloqueio (JC).

Considerando melhor que 16. Cbd2 Da7! 17. Dxa7 Txa7 18. Tac1 c5 19. Cxe4 Cxb3 20. axb3 dxe4 21. Cd2 e3 22. fxe3 Tb7 com igualdade. Matanovitch-Korchnoi, 1969. (LS)

16. Cbd2 Da7! 17. Dxa7 Txa7 18. Cd4 Cxd2 19. Txd2 c5 20. Ce2 Cxb3 21. axb3 d5 22. b4 d3 23. Cf4 c5 24. Tc1 Tc7 25. b3 Te8

1/2 - 1/2, Kuypers-Langeweg, Hoogoven, 1968.

#### 16...Db6!

Uma novidade. Na citada partida de Hubner-Demarre disputada nos campeonatos de estudantes de Dresden, seguiu-se 16...Cxb3! 17. axb3 Db6 18. Dxb6 cxb6 19. b4! e as brancas dispõem de grande vantagem devido à exposta situação do cavalo em e4. O lance 19. b4 destina-se a retirar-lhe a casa c5 e ameaça 20. f3 Cg5 21. h4 ganhando o cavalo. Korchnoi melhora agora o sistema, trazendo à superfície mais de uma vez a sua preparação teórica (A-JPS). A ordem de jogadas de Korchnoi evita o b4! Uma ideia simples que altera toda a teoria da variante! (LS). O lance 16. Cxb3 passará a aparecer com um ponto de interrogação.

A citada partida continuou 19...f6 20. f3 Cg5 21. exf6 gxf6 22. Cc3 Tfd8 23. Cc2! a5 24. bxa5 Txa5 25. Txa5 bxa5 26. Cd4 Bd7 27. h4 Ce6 28. Cf5 d4 29. Cxd4 Ba4 30. Cxe6 Txd1+ 31. Cxd1 Bxd1 32. Rf2 Rf7 (melhor defesa oferecia 32...Bb3 segundo Milic) 33. Ce7+ Rg7 34. Cc6 a4 35. Cd4 (interessante, um cavalo consegue prender um bispo) f5 36. Re3 Bb3 37. Cxb3 axb3 38. g3 Rh5 39. Rf4 h6 40. Re5! (para não afogar o rei) Rg6 41. Re6 1:0 (depois de 41...Rh5 42. Rf6 f4 43. gxf4 Rxh4 44. Rg6 e o caminho da promoção está desimpedido).

#### 17. Dxb6

Ao trocar as damas, as brancas pretendem isolar o Pd5 criando uma fraqueza no adversário (LO).

#### 17...cxb6 18. f3

Claro está que se 18. Bxd5 Tad8 e as brancas não poderiam continuar com 19. Cc3 por causa do Ce4. Assim, primeiro há que afastá-lo o que obriga a 18...Cxb3 a fim de evitar a perda do Pd5 (LO).

#### 18...Cxb3 19. axb3 Cc5 20. b4

Agora já não tem o mesmo perigo (LS).

#### 20...Cd7

Pois daqui o C até ameaça o Pe5 (LS).

#### 21. Cd3

Demasiado seguro. 21. f4 g5! poderia abrir uma posição em favor do bispo (LS).

#### 21...g5

Para evitar o apoio a "e5" com fortes inconvenientes para o apagado bispo das pretas, muitas vezes uma autêntica fraqueza nos finais que este género de posições origina. (JC)

A posição fica equilibrada já que ambos os jogadores têm peões fracos, as brancas em e5 e as negras em d5 (LO).

#### 22. Cc3 Tec8 (=FS) 23. Cf2 d4 (! - JG, LO).

Convidando as brancas a aceitarem o peão, cuja queda é inevitável, em pior conjuntura de figuras para elas. O que se irá repetir no lance seguinte, até que A. Karpov se vê forçado a parar com estas "provações". (JC)

#### 24. Ce2 (! - LO)

Os dois peões fracos estão logicamente capturados. No entanto, essa captura poderá proporcionar às brancas o domínio absoluto da coluna d com as suas torres, o que conjugado com a acção de um cavalo em e4 ou f5 poderá dar melhores hipóteses. É nesta base que Karpov procura assegurar a captura da melhor forma. Korchnoi, por sua vez, provoca a tomada do peão em condições capazes de contrariar o plano adversário (LO). Preferindo tomar com o cavalo pois a torre ficaria exposta a Cxe5 e Cc6. Agora se 24...Tc2? seguia-se 25. Cxd4 Txb2? 26. Cd3! (A-JPS)

#### 24...d3 (! - LO) 25. Cxd3 Bc4 26. Cg3

Porque não 25. Cc3 que evita a penetração da torre negra na 7ª? (A-JPS)

#### 26...Bxd3 27. Txd3 Cxe5 28. Td5

A troca do peão d5 pelo e5 permitia sempre esta entrada de torre que confere a Karpov uma ligeira iniciativa no final. (LS)

#### 28...Cg6

Seria mau 28...f6 em vista de 29. Ce4 Rg7 30. Cxg5 (A-JPS). Duvidoso seria 28...f6 29. Td6 (insuficiente) Tc6 30. Txc6 Cxc6 31. b5 e as brancas apenas se libertavam dos seus peões dobrados; mas seria de admitir que A. Karpov jogasse com maior ambição 29. Cf5! e as pretas teriam vários problemas a resolver (JC)

#### 29. Txxg5 Tc2 30. b3 Tb2 31. Cf5

31. h4? ! f6 32. Tg4 (32. Tf5 Cxh4) Rf7 ameaçando Ce5, a torre branca sai da coluna g e seguia-se Tg8.

#### 31...Txb3 32. h4

Com ameaças directas sobre o cavalo das pretas e com o intuito de tornar este peão a base do contra-jogo das brancas no final que se segue. (JC)

**32...Rf8 33. h5 Ce7 34. Cxe7 Rxe7**

Empatar aqui já seria normal. (LS)

**35. Te1 + Rf8 36. Te4**

Era importante não ceder a *Pb4* pois cederia dois peões passados e ligados às negras. (FS)

**36...a5**

O contra-jogo baseia-se no peão *a*. (JG)

**37. Tg4 Re7**

Um erro grave era *37...Txb4?* 38. Tg8 + Re7 39. Txa8 (LS)

**38. bxa5 Txa5 39. h6**

A queda do *Ph7* tornará este peão uma arma perigosa e suficiente para se opor ao peão livre das pretas no flanco oposto. (JC)

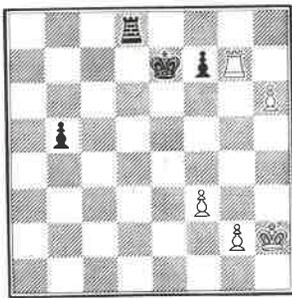
**39...Txxg5 40. Txxg5 b5**

O campeão propôs o empate aqui. Korchnoi, talvez por só aceitar propostas por intermédio do árbitro, recusou com um sinal.

**41. Tg7 Tb1 + 42. Rh2 Td1 43. Txxh7 Td8**

Uma precaução necessária. Em caso de *43...b4?* 44. Th8 b3 45. h7 b2 46. Tb8 ganhando com facilidade. (JC)

**44. Tg7 1/2 - 1/2**



E Korchnoi fez o lance secreto, propondo agora ele o empate; mas Karpov já saíra da sala (LS). Após o eventual *44...Th8* (lance secreto) 45. h7 Rf6 46. Tg8 Txxh7+ 47. Rg1 Th5 48. Tb8 as brancas estão em condição de anular as pretensões do peão passado adversário (JC).

A partida foi dada por empatada sem ser reatada.

### 13ª PARTIDA KORCHNOI – KARPOV Gambito de Dama

**1. c4 Cf6 2. Cc3 e6 3. Cf3 d5 4. d4 Be7 5. Bg5 h6 6. Bh4**

Tal como no match com Spassky, Korchnoi não adoptou a possibilidade *6. Bxf6 Bxf6 7. Db3?* ou mesmo *7. e4 dxe4 8. Cxe4 Cc6?* 9. Cxf6 – que levam, segundo Filip, a uma leve vantagem das brancas. (RP)

**6...0-0 7. Tc1**

Apesar de ser um grande conhecedor destas aberturas, Korchnoi foge às linhas mais analisadas; 7. e3, tal como na primeira partida, é o normal desta posição. (LS)

**7...b6 8. Bxf6**

Relativamente prematuro, pois irá possibilitar uma solução de desenvolvimento do Bispo de Dama das pretas pouco conforme com a estrutura de Peões inicial. (JC)

As brancas cedem o par de bispos para evitar que o cavalo possa tomar em *d5*, depois de *cxd5*. Este golpe só costuma ser executado quando as brancas já definiram a posição do bispo em *b7*. Com 8. e3 Bb7 9. Bd3, Karpov igualava facilmente na 1ª partida. Mas porque não 8. e3 Bb7 9. Bxf6 Bxf6 10. cxd5 exd5 11. b4 c6 12. Bd3!?. Como o próprio Korchnoi jogou no "match" contra Spassky!?. (LS)

7...b6 8. Bxf6. A um jogo pouco claro pode conduzir 8. cxd5 Cxd5 9. Bxe7 Dxe7 10. e4 Cxc3 11. Txc3 Bb7 12. Bd3 Ca6. (RP)

**8...Bxf6 9. cxd5 exd5 10. g3**

Um lance pouco experimentado tão cedo na variante Tartakower, embora seja típico no sistema em geral. Talvez o candidato se tenha inspirado na seguinte partida (que ilustra bem toda a estratégia da posição): 1. d4 d5 2. c4 e6 3. Cf3 Cf6 4. Cc3 Be7 5. Bg5 0-0 6. e3 h6 7. Bh4 b6 8. Be2 Bb7 9. Bxf6 Bxf6 10. cxd5 exd5 11. 0-0 Cc6 12. Tc1 a6 13. Ce1 Ce7 14. Bf3 Dd6 15. Cd3 g6 16. b4 h5 17. g3 Bg5

18. Bg2 (esta era a posição que Korchnoi pretendia jogando directamente o bispo a *g2* ganhando dois tempos!) Cf5 19. Ce2 Tfe8 20. Cef4 Te7 21. Db3 Td8 22. a4 (ataque de minorias temático, com o objectivo de enfraquecer o peão *c* atrasado) h4 23. b5 hxg3 24. hxg3 a5 25. Dd1 Bf6 26. Te1 Cg7 27. Tc3 g5 28. Ch5 Cxh5 29. Dxxh5 c6 30. bxc6 Bxc6 31. Ta1 (acabou por ser o peão *b* que ficou fraco) Rg7 32. Dd1 Th8 33. Tb1 Bd7 (tomando finalmente a diagonal mais activa) 34. Db3 Tb8 35. Da3 De6 36. Tbc1 Th8 37. Db3 Df5 38. Dxb6 Dh7 39. Ce5 Bf5 40. Rf1 Dh2 41. Dd6 Bh3 42. Bxh3 Dxxh3 43. Re2 Te6 44. Dxd5 Bxe5 45. dxe5 Dg4 46. Df3 Dxa4 47. Tc7 Db5 48. Re1 Tf8 49. T7c5 Dd3 50. Txa5 Td8 51. Dd1 e as pretas abandonam 1:0. Gligoric – Rukavina, memorial Vidmar 1977. (LS)

Seria esta a intenção do candidato quando do sétimo lance. Sendo considerado um especialista de sistemas com o desenvolvimento do Bispo de Rei por "fianchetto", não é de estranhar que Korchnoi tenha tentado este plano. (RP)

A vantagem do lance de Korchnoi é que em *g2* o tempo vai ficar mais resguardado de possíveis ataques. (FS)

**10...c6 11. Bg2 Bf5 (! - RP)**

10...c6 11. Bg2 Bf5! Karpov, por seu lado, renuncia ao desenvolvimento do Bispo por "b7". Não sou grande conhecedor deste tipo de posições, mas agrada-me esta colocação, pois não só controla a casa "e4", como dificulta a ocupação das colunas "c" e "b" pelas peças pesadas brancas. Isto compensa um dos seus "contras": de "f5" não poderá defender directamente a ala de Dama própria. (RP)

Claro! Agora o campeão desenvolve este bispo pelo flanco de rei, obtendo desde já uma posição confortável. O lance 8 das brancas foi prematuro. (LS)

Habitualmente este Bispo não pode optar para além dos pontos *b7* ou *a6*. É por isso que se "deve" atrasar a troca de figuras já assinalada, esperando-se primeiro a movimentação do Bispo preto; resta saber se a oportunidade oferecida às pretas lhes é favorável ou não... (JC)

**12. 0-0 Dd6 13. e3 Cd7 14. Ce1**

A pressão do *Bf5* nas casas brancas leva Korchnoi a procurar a sua troca. (RP)

**14...Tfe8 15. Cd3 g6 16. Cf4**

Até aqui tudo bastante semelhante à partida citada (excepto a colocação do bispo de dama negro); as brancas tentam manter a estrutura de peões graças à sua forte pressão em *d5*, e a pouco e pouco poderão aproveitar as debilidades negras no flanco de dama por meio de um ataque de minorias, do qual já vimos um exemplo. As pretas devem tentar abrir o centro para activar o seu par de bispos, anular a supremacia branca no flanco de dama ou um ataque no flanco oposto. Karpov irá utilizar um pouco de cada plano. (LS)

**16...Bg7**

Mais ambicioso seria *16...h5* (LS). Parece melhor *16...Cf8* para seguir com *Bd7*, *Ce6*, *Bg7*, mantendo o par de bispos. (JC)

**17. g4 (!? - LS, ! - RP) Be6 18. h3**

É de considerar o imediato 18. Cxe6

**18...Cf8 19. Cxe6 Cxe6**

Apesar de debilitar o seu roque, Korchnoi com 17. g4, conseguiu eliminar um precioso bispo a Karpov e domina agora bastantes casas brancas no flanco de rei para parar algum eventual ataque; pode portanto virar-se descansado para outro flanco. (LS)

**20. Dd3 Tad8**

Por profilaxia do ponto *d5* e para poder vir jogar o avanço *c6-c5*; entretanto as pretas devem também cuidar do temático ataque de minorias das brancas à base da progressão de peões destas no flanco de dama, lançados para impedir *c5*, fixar *c6* como um objectivo atacável ou simplesmente provocar trocas de peões nas colunas *a* e *b* de forma a que *c6* fique isolado e atrasado o que o tornará uma debilidade. (JC)

**21. Tc2 Cc7**

Com a ideia *22...c5*, libertando-se do *Pc6*, atrasado em coluna aberta. (FS)

**22. Ca4 Dd7 (! - RP)**

Ameaça *23...c5!* e se 24. Cc3 c4 seguido de *25...b5*. Se 24. b3 cxd4 25. exd4 Cb5. (RP)

**23. b3**

Defendendo o cavalo pois Karpov já ameaçava de novo *c5*. (LS)

**23...Te6**

Talvez *23...Bf8* seja mais activo. O plano de Karpov permite o lance *b3-b4* a seu devido tempo, o que facilitará a posse de perigosa iniciativa para Korchnoi. (JC)

**24. Cc3 Td6**

Preparando, pela defesa de *Pd5* um possível *c6-c5*. (RP)

Ainda não era possível *24...c5* por 25. dxc5 bxc6 26. Ca4! (LS)

**25. b4**

E finalmente cá temos o nosso ataque de minorias. (LS)

**25...Bf8 26. Ce2 b5**

Uma decisão importante. Karpov pretende opor-se à pressão branca na coluna "c" através da sua obstrução em "c4", após o que terá as mãos livres para se ocupar das fraquezas do roque branco. (RP)

Embora enfraqueça definitivamente *c6*, permite a instalação de um cavalo em *c4* via *a8-b6*. (LS)

**27. Db3 Ca8 28. a4 bxa4**

Mau seria agora *28...a6* devido ao simples 29. a5 (JC) e o cavalo teria que tentar *e8-d6-c4*. (LS)

**29. Dxa4 Cb6 30. Db3 Tb8 31. Cf4 Cc4 32. Da4**

Necessário para impedir a5

**32...f5**

Única maneira de arranjar contra-jogo no golpe do rei. O lógico *32...Tf6?* não serve pelo plano táctico 33. Cxd5! ficando tudo "no ar". (LS)

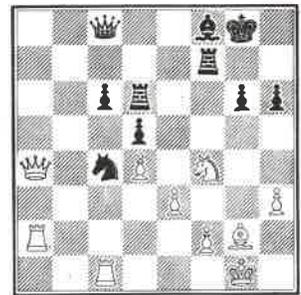
**33. gxf5 Dxf5 34. Dxa7 Txb4**

Ameaçando, agora sim, a *Tc2* (LS)

**35. Ta2 Dc8**

Evitando 36. Dc7 e 37. Ta7 (RP). As pretas não podem consentir na dobragem das peças brancas em plena sétima! (JC)

**36. Tc1 Tb7 37. Da4 Tf7**



**38. Txc4 (!? - RP)**

Nem a posição pedia outra coisa! Sacrifício de qualidade está plenamente compensado, tanto do ponto de vista material como posicional. (JC)

Um sacrifício de qualidade perfeitamente natural para manter qualquer pretensão à vitória. As trocas do material pesado na oitava ou sétima filas só precipitariam o jogo no final com bispos de cor diferente (que andam por diagonais de cor contrária), que rapidamente terminaria empatado. Korchnoi sempre foi um lutador! (LS)

Na eminência de sofrer um ataque no flanco de Rei, Korchnoi decide-se por este sacrifício de qualidade o que deverá ser a melhor alternativa. Consegue assim um bom jogo de peças menores, assim como mantém o ataque sobre o peão "c6". (AP)

**38...dxc4 39. Dxc4 Df5**

E o segundo peão (pela qualidade) não se pode capturar já; 40. Bxc6? Txc6 41. Dxc5 Db1 + etc... (AP)

**40. Cd3 Bg7**

Controlando o *Ce5*.

Korchnoi selou o 41º lance. Continua a não ser possível 41. Bxc6? Txc6 42. Dxc6 Dxd3. O lance secreto que me parece melhor é 41...Ta6. Uma continuação pode ser 41...Rh7 42. Txc6 Txc6 43. Bxc6 Ta7 (43. Dxxh3? 44. Dxf7). As possibilidades defensivas de Karpov são grandes, pois existem bispos de cor diferente, e se Korchnoi não avançar os seus peões centrais com muito cuidado, o contra-ataque pelas casas pretas pode decidir o jogo a favor de Anatoly. A posição está portanto equilibrada. (LS)

Karpov tem ligeira vantagem material mas a actividade de peças brancas deve garantir o equilíbrio. (RP)

#### 41. Ta7

Este foi o lance reservado por V. Korchnoi e com o qual a partida ficara suspensa. A maioria dos comentaristas indicava 41. Ta6... como mais provável e é muito possível que também fosse esse o melhor caminho para explorar a debilidade de "c6" conservando boas perspectivas de ataque. Outra ideia seria o posicional 41. Tc2... com o defeito do jogo das brancas perder parte da sua agressividade. Para efectuar o lance secreto, V. Korchnoi desperdiçou 40 minutos! o que sem dúvida o transformou num lance "caro" e cujos efeitos não tardaram a aparecer... apesar de todas as horas gastas a analisar a partida nos dias que intervalavam a sequência do jogo! (JC)

#### 41...Tf6

Após 41...De6 é possível que a sequência 42. Dxe6 Txe6 43. Txf7 Rxf7 44. Cb4 estivesse nos planos de V. Korchnoi para obter um final superior, ainda que de difícil execução técnica. Agora A. Karpov prepara-se para se libertar da pregação e arranjar um dispositivo para as suas figuras que não só possa paralisar os avanços dos peões adversários como também vir contra-atacar. (JC)

#### 42. Txf7

Para ganhar o peão c6, Korchnoi deveria ter analisado sobretudo o final resultante de 41...De6 42. Dxe6 Txe6 43. Txf7 Rxf7 44. Cb4. O tentador 42. Ce5 apenas acelerava um lógico empate depois de 42.Dxf2+ 43. Rh2 Dxe3 44. Cxf7 Df4+ 45. Rh1 Txf7 46. Bxc6 Df1+ etc... (LS)

#### 42...Txf7 43. d5

Desligando os peões desnecessariamente. Parece melhor 43. Bxe6 dadas as ameaças que as brancas ainda mantêm. (JC)

#### 43...Be5 (! - LS)

Terá isto escapado à análise de V. Korchnoi? O certo é que V. Korchnoi ficará novamente apuradíssimo de relógio e os seus restantes lances até ao controle quase se resumem às ameaças directas e a queques, sintoma de falta de plano e de muitos apuros de tempo. Que se passaria depois de 44. Cxe5...? ou mesmo 44. f4...? Após ir perder a partida, da forma como a perdeu! todas as especulações são legítimas... (JC)

Obviamente pior seria 43...cxd5 44. Bxd5, recuperando a qualidade e mantendo um peão a mais no final. (LS)

#### 44. dxc6 Rg7 45. Be4

Iniciando uma série de movimentos "ao acaso" com o bispo até este se extinguir por completo (JC). Ao empate conduzia 45. Cxe5 Dxe5 46. Dd6 Dxd4 47. exd4 Rf6 etc. (LS)

#### 45...Dg5+

Se 45...Dxh3? ? 46. Cxe5 (LS)

#### 46. Rf1 Bd6

O bispo das pretas escapou e tornar-se-á uma das mais importantes figuras. (JC)

#### 47. Bd5 Te7 48. Bf3 h5

Se isto é para impedir 49. Bg4 e 50. Bd7, porque não jogou Korchnoi 48. Be6? (RP)

#### 49. Bd1

Contra 49. Dd4+ existe sempre Df6 (LS). Aqui jaz! Conservando o bispo na diagonal a8-h1 era natural que as brancas não perdessem. (JC)

#### 49...Df5 50. Re2

Defende directamente h3 pois 50...Dxh3 é contestado com 51. Dd4+ e as negras não dispõem de Df6, perdendo o bispo (A - JPS)

#### 50...Te4 51. Dc3+

Iniciando uma série de 6 movimentos de dama consecutivos, que culmina num enorme erro que perde a partida. Tal série é, sem dúvida, motivada pelos apuros de tempo de Korchnoi, embora não justifique o lapso (A-JPS)

#### 51...Df6 52. Db3 Df5 53. Db7+ Rh7 55. Dd4 Bc7 56. Dh4? ?

As brancas estavam concertada em tremendos apuros de tempo, pelo que, para ganhar tempo, fizeram lances com xeque ou ameaças directas. Com tão pouca sorte, contudo, que o último, a atacar a torre "e7", é um erro colossal que leva de imediato à derrota, justamente quando estava cumprido o controlo. Pretendia, por certo, defender o peão de "h3" para não dar um perigoso peão passado às negras. Enfim, para fazer um lance, devia fazer 56. Dd4 que também ataca a torre, e pensar depois. (RP)

#### 56...Te4

E a dama não tem movimentos (A-JPS)

#### 57. f4

57. Cf4 perde peça após Bxf4 (A-JPS).

#### 57...Bb6 58. Bc2 Txe3+ 59. Rd2 Da5+ 60. Rd1 Da1+ 61. Rd2 Te4 0:1

O rei das brancas está numa situação de mate! A ameaça directa é 62...Ba5+ (JC). Contra 62. Ce1 ou 62. Ce5 segue 62...Ba5+ 63. Rd3 Dd4++. Contra 62. Cc1 segue 62...Ba5+ 63. Rd1 Te1+. Uma última tentativa seria 62. Cb4 Txb4? ? 63. De7+ Dg7 (de outro modo as brancas empatavam por xeque perpétuo) 64. Dxb4. No entanto, como é natural, Karpov escolheria 62...Be3+ 63. Re2 Bf2+ 64. Rxf2 De1+ com mate rápido. (A-JPS)

### 14ª PARTIDA KARPOV - KORCHNOI Espanhola

#### 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4 6. d4 b5 7. Bb3 d5 8. exd5 Be6 9. c3

Karpov regressa a este lance, que tinha abandonado após a 4ª partida. Para 9. Cbd2 vejamos a 8ª e a 10ª, para 9. De2 a 12ª.

#### 9...Bc5

A variante italiana é logicamente a escolhida por Korchnoi a pensar certamente noutro empate fácil. Excesso de confiança do dissidente! Havia que desconfiar de alguma preparação especial contra 9...Bc5; esta seria a altura ideal para mudar e optar, por exemplo, pelo clássico 9. Be7 (lance do qual, ainda por cima, Korchnoi possui larga experiência). (LS)

#### 10. Cbd2 0-0 11. Bc2 Bf5

Reatando assim a discussão sobre este polémico lance aconselhado por Bent Larsen (grande mestre dinamarquês, tal como Korchnoi defensor e inovador da aberta da espanhola).

Korchnoi considera perdente para as negras a continuação usual 11...f5 12. Cb3 Bb6 13. Cf4 Cxd4 14. Cxd4 Bxd4, por causa de 15. Dxd4! (em vez do superanalisado 15. cxd4 f4 16. f3 Cg3!, etc...) seguindo com 15...c5 16. Dd1 f4 17. f3 Cg5 18. a4 b4 19. cxb4 (melhor que 19. h4 por 19...Ch3+!, Averbach-Szabo, Zurique, 1953) cxb4 20. Dd4 Bf5 21. Bb3 Ce6 22. Dxd5 Db6 23. Rh1 Tad8 24. a5 ! Da7 25. Dc6.

O lance 11...Cxd2 conduz a posições demasiado passivas para o estilo de Korchnoi; por exemplo, 12. Dxd2 f6 13. exf6 (13. Dd3!? é recomendado por Korchnoi) Txf6 14... Cg5 Bf5 15. b4 (15. a4!, Suetin) Bb6 16. Bb3 Ce7 18. Te1 Bg6 19. Cf3 Cf5 20. Ce5 Be8 21. Da2 bxa4 22. Bxa4 h6 com jogo equilibrado, Karpov - Antoshin, URSS, 1967. E a variante Dilworth 11...Cxf2 é demasiado arriscada contra Karpov! (LS)

#### 12. Cb3 Bg4

Praticamente a única alternativa jogável. 12...Bg6 13. Cf4 Bxd4 14. cxd4 a5 15. Be3 Cb4 16. Bb1 a4 17. Cb2 a3 18. Dc1 oferece bom jogo às brancas Karpov - Savon, Moscovo 1961. (LS)

#### 13. h3 ! (!! - FS)

Como se pode deduzir do resto da partida, este lance irá conduzir as brancas a uma ligeira vantagem duradoura. Korchnoi considera este lance duvidoso (13. h3? !), mas a experiência mostra que as opiniões dele, nos tratados sobre aberturas, são de desconfiar!

E Karpov desconfiou!

Nas anteriores partidas, os lances foram 13. Cxc5 Cxc5; 14. Te1. (LS)

Até aqui, a partida tinha seguido como a 2ª e a 4ª. Nelas, Karpov continuou com 13. Cxc5 Cxc5 14. Te1 e a ambas as pretas igualaram facilmente, uma vez com 14...d4 e outra com 14...Bh5. Este último é um lance que Korchnoi dá como mau na Enciclopédia de aberturas jugoslava mas cuja valorização deve ser considerada depois de se achar um reforço para as negras uns lances à frente. Karpov agora devolve a "habilidade", jogando 13. h3, dado como duvidoso, pelo mesmo Korchnoi na mesma obra. As análises desta defesa dadas naquele livro, aliás já podem ser consideradas "artigo de museu" (RP).

#### 13...Bh5

Não se pode tentar ganhar um peão com 13...Bxf3 por causa de 14. gxf3! que obriga as negras a cederem uma peça. (LS)

Já que a teoria é omissa sobre 13...Bxf3, o que quase sempre significa a evidência de um erro, achamos oportuno "divagar" sobre algumas das suas possibilidades, talvez até com certa fantasia, pondo ao critério do leitor o crédito a dar às seguintes continuações de base:

a) 14. Dxf3 Cxe5 15. Df5 (provavelmente melhor que 15. Dh6 Bd6! e as pretas não se podem queixar) Bd6 16. Bxe4 dxe4 17. Dxe4 e as pretas estarão em melhores condições para vir a tirar partido deste pseudo equilíbrio... ou ainda (logo após 14. Dxf3) 14...f5!? 15. Cxc5 Cxc5 16. Td1 Ce7 17. Bg5 c6 e este par de cavalos suporta bem a dupla de bispos.

b) 14. gxf3 e como 14...Dh4 falha devido a 15. Cxc5 Cxc5 16. Dxd5 (mas não 15. fxe4? ? Dg3+ 16. Rh1 Dxh3+ 17. Rg1 e as pretas dispõem de um imediato xeque perpétuo ou ainda do interessante ataque 17...Cxe5!? 18. Cxc5 Cf3+ 19. Dxf3 Dxf3 com três figuras ligeiras por uma dama razoavelmente pesada) a opção a tentar seria (depois de 14. gxf3) 14...Bxf2+ 15. Txf2 Cxf2 16. Rxf2 Dh4+ 17. Rg2 Cxe5 18. Dxd5 Tad8 19. De4 (19. Dxe5 Tfe8 com ideia de Te2+) Dh5 e a esta altura a posição - por mais complicada que fosse - deveria ser favorável às brancas... Mas de facto será? Quem se arrisca a prová-lo? (JC)

#### 14. g4 Bg6

Jogo confuso, afirma a inefável Enciclopédia. Karpov vai mostrar que não está nada confundido. (RP)

#### 15. Bxe4 (! - FS, RP)

O princípio do fim. As simplificações que se seguem são forçadas e a posição resultante muito inferior para Korchnoi. É neste momento que começa a lição de técnica por parte de Karpov (FS).

#### 15...dxe4

Forçado. Após 15...Bxe4? ? 16. Cxc5 ganhando figura e jogo. (JC)

#### 16. Cxc5 exf3 17. Bf4 Dxd1

Talvez 17...De7 18. Dd5 Ca5 desse mais hipóteses (pois mantém as damas, e assim as possibilidades de futuros ataques ao roque branco debilitado), apesar de perder um peão com 19. b4 Cc4 20. Dxf3, pois se 20...Cxe5? 21. Bxe5 Dxe5 22. Cd7 duplo! (LS)

17...De7 seria eficazmente respondido com 18. Dd5 Ca5 19. b4 Cc4 20. Dxf3 e não é possível 20...Cxe5? 21. Bxe5 Dxe5 22. Cd7 (RP)

Para 17...De7 18. Dd5 e após 17...Te8 18. Te1 que fazer? No caso de 18...Dxd1 19. Taxd1 Te7 20. e6! fxe6 21. Txe6 e as pretas estariam mal. (JC)

Desta forma as brancas assegurarão o domínio da coluna d, o que, conjugado com a entrada de uma torre na sétima, poderá parecer decisivo. Korchnoi pensa obstar a este plano trocando os cavalos e procurando a igualdade num final de bispos de cor diferente, e tentando contrariar o domínio da coluna d por parte das brancas, através da colocação do seu bispo em d5. Claro que, no seu plano, Korchnoi proporá a troca dos cavalos em e6 para retomar o seu peão f, passando a apoiar o bloqueio da coluna d com Bd5 e desta forma anular aí a acção das torres brancas. Karpov, apercebe-se do plano adversário e permite a sua realização. E porquê? Chamamos a atenção para o lance 29º das brancas pois ele responde a esta questão. (LO)

#### 18. Taxd1 Cd8

Apontado como melhor por alguns observadores 18...Tfd8 defronta pelo menos bastantes problemas com 19. e6. Korchnoi pretende eliminar o "Cavaleão" de "c5". (RP)

Discutir a coluna com 18...Tfd8 não dá boas perspectivas depois de 19. Txd8 (ou 19. e6) Txd8 (19...Cxd8 20. Td1 e só com uma torre a defesa é mais difícil) 20. e6, etc... (LS)

#### 19. Td7 Ce6 20. Cxe6 fxe6 21. Be3 Tac8 22. Tfd1 Be4 23. Bc5 Tfe8

Única! Se 23...Tf4 24. Td8+ Txd8 25. Txd8+ Rf7 26. Tf8+ ganha a torre. (LS) Péssimo seria 23...Tf7? ? 24. Td8+. (JC)

#### 24. T7d4 (! - RP)

Era um erro manter a torre na sétima. 24. T1d4 Bc6! (RP)

#### 24...Bd5

As negras conseguiram levar por diante o seu plano e atingir, com este lance, um dos seus principais objectivos. Karpov vai "demolir" este plano que é efectivamente ineficaz. E porquê? Porque possui uma horrorosa estrutura de peões. (LO)

## 25. b3 a5 (? ! - RP)

Korchnoi nunca soube estar quieto. O plano (?) iniciado com este lance não deve ser bom. Era melhor tentar a defesa do "apertadinho", e ficar à espera. Como diria o nosso conhecido Alvaro Pereira "coçar só serve para fazer sangue". (RP)

## 26. Rh2 Ta8

Principiando um plano errado, mas que podem as negras fazer? Karpov aproveitava para ir melhorando a situação do seu rei (LS)

## 27. Rg3 Ta6

O imediato 27...Bc6 ainda que modesto era bastante seguro; o bispo das pretas pode considerar-se a chave da posição pois só ele é capaz de desdobrar-se na defesa da maioria dos pontos débeis daqueles (que são muitos, diga-se de passagem!) realçando-se o facto do homólogo branco correr por outras diagonais... o que daria ao jogo uma feição francamente empatativa. (JC)

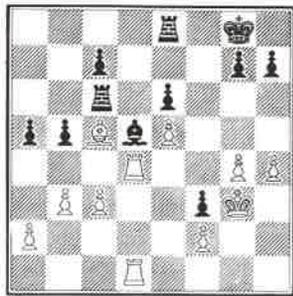
## 28. h4

Todos estes lances das brancas merecem um ponto de exclamação! Preparam (pacientemente) o sacrifício de qualidade. Se por exemplo as brancas jogassem 28. Txd5? exd5 29. Txd5 c6! 30. Td7 Txe5 ganhando o peão de "e5", muito importante, e se agora 31. Bd4 as negras dispõem de Tg5! 32. h4 Tg6 33. Rf4 h6! 34. Rf5 Rh7. Depois de 28. h4! impedindo Tg5!, melhor lance era por conseguinte 28...g6! tirando o peão de g7! se 29. Txd5 exd5 30. Txd5 c6! 31. Td7 Txe5 32. Bd4 Te2! Mas Korchnoi faz mais difícil ainda: elimina a possibilidade de jogar c7-c6 com... (RP)

## 28. Tc6?

Além de mal jogado força o campeão a jogar bem pois se Karpov não sacrifica a qualidade perde um peão! Parafraçando Mao-Tsetung é preciso dar sempre ao adversário possibilidades de jogar mal! (LS)

Para já devia jogar-se 28...Bc6 e em caso de 29. Td8 Ta8, etc.. Permitir o sacrifício é que nunca! (JC)



## 29. Txd5

É agora evidente porquê só depois de Tc6? foi possível o sacrifício: não se pode avançar o c6 para recuperar o e5. (LS)

## 29...exd5 30. Txd5 Te6 31. Bd4 c6

Demasiado tarde! (LS)

## 32. Tc5

E francamente duvido que as negras se salvem! Porque jogou Korchnoi 28...Tc6...? Há duas possibilidades: a) não viu o sacrifício. b) viu 29. Txd5 e considerou a posição resultante como melhor para si. (pode assinalar com x o que interessar) As negras tentam agora defender os seus peões todos. (RP)

## 32. Tf8

Korchnoi não podia permitir Rxf3, Re4 e f4 que seria assustador. (LS)

## 33. a4!

Após o que os peões pretos do flanco de dama se convertem em frágeis alvos. (JC)

A posição negra desmorona-se depois deste fortíssimo lance. (LS)

## 33...bxa4 34. bxa4

Vê-se agora que não é possível defender os peões todos. Se agora 34...Ta8 pode seguir 35. Rxf3 seguido da colocação do rei em "e4" e duma "ofensiva popular generalizada", por meio de f2-f4-f5, e5-e5, etc. (RP)

## 34...g6 35. Txa5 Tee8 36. Ta7!

Mais uma vez o melhor lance. Contra o imediato 36. Ta6, as negras ganhavam uma série de tempos com Ta8! (RP)

## 36...Tf7

As torres ficarão muito mal colocadas. Mas depois de 36...Ta8 37. Tc7 Tcf8 38. Txc8

Txc8 39. Bb6 entre outras alternativas, proporciona igualmente um final ganho para as brancas. (JC)

## 37. Ta6 Tc7

Para 37...Te6 38. a5 e o peão a decide o jogo. (JC)

## 38. Bc5!

Activa o bispo aproveitando-se de que 38...Txe4? 39. Bd6 (RP)

## 38...Tcc8 39. Bd6 Ta8 40. Txc6 41. Rxf3

Com três peões pela qualidade as brancas têm agora uma esmagadora vantagem material. (JC)

41...h5 42. gxh5 (S) 43. c4 Ta2 44. Tb6 Rf7 45. c5 Ta4 46. c6 Re6 47. c7 Rd7 48. Tb8 Tc8 489. Re3 Txx4 50. e6 + 1:0

Se 51...Rxe6 51. Bg3 ganhando uma das torres e se 50...Rxd6 51. Txc8 Tc4 52. Td8 + Rxc7 53. e7 e o peão é promovido.

## 15ª PARTIDA KORCHNOI - KARPOV Catalã

1. c4 Cf6 2. Cc3 e6 3. Cf3 d5 4. d4 Be7 5. g3

Tinha de ser. Korchnoi até aqui tinha adoptado as continuções do Gambito de Dama clássico; 5. Bg5 ou 5. Bf4. Opta agora por uma continução que lhe é de há muito querida, e que conduz à Ab. Catalã, que foi introduzida pela primeira vez no Torneio de Barcelona de 1929: Um excelente jogador da época, Salo Tartakower, resolveu experimentar os princípios da nova corrente (domínio do centro à distância com peças) colocando um Bispo em g2, mas denotando uma prudência que lhe não era de modo algum habitual assegurou primeiro o respeito por um dos dogmas da Escola Clássica (ocupação do centro com os peões) jogando 1. d4.

Depois de um período áureo nos anos 40 e 50, o sistema conheceu uma época de impopularidade quando as negras começaram a achar os métodos correctos para o combater. No fim dos anos 60 conheceu um revirogamento através de novas ideias para as brancas, processo em que tomou parte importante o próprio Korchnoi. Em Portugal aplicam-na sistematicamente com bons resultados os irmãos António e José Pereira dos Santos. (RP)

## 5...0-0 6. Bg2 dxc4

Aparentemente fraco pois cede o centro (já que o peão não se pode manter) mas permite, entretanto, uma reacção no flanco de dama. Este é até o lance mais praticado nas linhas principais da Catalã com 0-0 em vez de Cc3 por parte das brancas (LS).

## 7. Ce5

A forma mais activa de recuperar o Peão, pois de passagem o "Bispo catalão" (situado em g2) ilumina toda a diagonal "a8-h1" e está bem apoiado pelas suas figuras para exercer imediata pressão sobre o flanco de Dama das pretas. Os que gostam de aventuras podem experimentar: 7. e4 c5 8. d5 exd5 9. e5 d4 10. exf6 Bxf6 que segundo análises de Averbach e Nejjstadt (Enciclopédia, tomo E) oferecem uma iniciativa às pretas que compensa o desequilíbrio de material existente (um Cavalo por três Peões). Também com: 7. Da4 (mesmo após 7. 0-0 e logo 8. Da4 por exemplo) será fácil recuperar o Peão em c4 mas os tempos perdidos com a Dama facilitam o desenvolvimento das pretas; isso pode demonstrar-se pela partida Smislov - Gheorghiu, Monte Carlo 1968, onde se jogou: 7...a6 (considerado melhor do que: 7...c5 8. dxc5 Cc6 9. Dc4 e 5 10. 0-0 Da5 11. Da4 Dxc5 12. Be3 Db4 13. Tfd1 Dxb2 14. Cb5 Bf5 15. Tac1..., partida Ceremisin - Simonov, URSS 1966. E a iniciativa das brancas está bem patente) 8. Dxc4 b5 9. Dd3 Bxd7 10. 0-0 Cbd7 11. Be3 c5 12. dxc5 Bc5 13. Tad1 Db6; com "marcação" peça a peça... (JC)

7. 0-0 Ce6 8. e4 Tb8 9. Te1 b5 10. e5 Cd5 11. Ce4 Ccb4 12. Cfg4 h6 12. Ch3 Cd3 14. Bh6 com jogo muito confuso mas com superioridade negra, Kavalek - Geller, Wijk, aan Zee, 1977 (LO).

## 7...Cc6

Sem dúvida a maneira mais radical de resolver os problemas da incómoda pressão a que as negras se vêem sujeitas no flanco de dama (LS).

Eis um lance paradoxal! Confesso que se

estivesse a jogar de brancas a posição contra um jogador nacional de nível menos elevado, não conteria um sorriso ao ver este lance (que até dá um peão), caso o não conhecesse já. Contudo esta ideia tem sido insistentemente utilizada em torneios de Mestres. Numa posição semelhante, em que as brancas tinham o Cc3 em "b1" e o roque feito, a partida Korchnoi - Petrosian do Torneio de Candidatos continuou: 8. Bxc6 (Vitor Silva considera melhor 8. Cxc6 na RPX no 2) bxc6 9. Cc3 (9. Ca3 Bxa3 10. bxa3 Ba6 11. Bxc6 Tb8 12. Da4 Dc8: uma interessante contradição ao princípio que desaconselha a "dobragem de peões", Alburtt-Geller Camp. da URSS, 1977) ...c5 10. dxc5 Bxc5 11. Da4 Cd5 12. Ce4 Cb6 = Outra partida com interesse para a compreensão do que se vai seguir: (Ainda com o Cav. em "b1" e o roque feito): 8. Bxc6 bxc6 9. Cxc6 De8 10. Cxe7 Dxe7 11. Da4 e5! 12. dxe5 Dxe5 13. Dxc4 Be6 14. Dc2 Bf5 15. Dc4 Be6 16. Dc2 1/2 - 1/2; Kirov-Geller 1976. (RP)

A experiência de Korchnoi nestas posições é recente. No "match" com Petrosian (2-1 para Korchnoi em 12 partidas), disputado neste torneio de candidatos que acabou evidentemente, por apurar Korchnoi como adversário de Karpov, experimentou várias vezes a posição, com roque em lugar de Cc3, e não logrou vantagem. (A-JPS)

Uma ideia conhecida, ainda que numa posição nova. No "match" V. Korchnoi-T. Petrosian (II Ciocco, 1977), jogou-se: 7...c5 8. dxc5 Dxd1 + 9. Cxd1 Bxd5 (melhor do que 9...Cbd7 10. Cxc4 Cxc5 11. Cc3 Bd7 12. Ca5 Cd5 13. Cxd5 exd5 14. Bxd5 Tac8 15. 0-0 bb6 16. Cc4 Be6 17. Ce3 Tfd8 18. Td1 h5 19. b3 Bg5 20. f4 Bf6 21. Tb1..., com grande vantagem das brancas, que se veio a esfumar após: 21...Bh3 22. Bb2 Te8 23. Rf2 Bxb2 24. Txb2 g6 25. Tbd2 Tc7 26. Cc4 Ce4 + 27. Bxe4 Txe4 28. Td8 + Rh7 29. Tb8 Tee7 30. Ce3 Rg7 31. T1d8 Be6 32. Tg8 + Rf6 33. h3 Tc3 34. Tbe8 Txe8 35. Txe8 Tc5 36. g4 Ta5 37. f5 gxf5 38. gxf5 Bxf5 39. Cxf5..., e recuperando o Peão as pretas igualaram e o jogo deu-se por empatado na III Partida) 10. Cxc4 Cc6 11. Be3 Bb4 +! 12. Bd2 Bxd2 + 13. Cxd2 Bd7 14. Cc4 Tfd8 15. Cc3 Rf8 16. Cd6 Tab8 17. 0-0 Ce8 18. Cde4 Re7 19. Cc5 Cf6 20. Cxd7 Txd7 21. Txd7 + Cxd7 + e o jogo acabou por dar-se por empatado ao quadragésimo terceiro lance na IX Partida. Mas o importante é que, já na I partida do referido encontro, após: 1. c4 e6 2. g3 d5 3. Bg2 Cf6 4. Cf3 Be7 5. 0-0 0-0 6. d4 dxc4 7. Ce5..., como se verifica numed de lances diferente desta clássica Abertura Catalã e onde se atingiu uma posição semelhante à do actual jogo - mas com o roque das brancas já efectuado, em vez do lance: "Cb1-c3" - a solução escolhida por T. Petrosian foi a seguinte: 7...Cc6 - à semelhança da resposta de A. Karpov - 8. Bxc6...; ( para: 8. Cxc6 bxc6 9. Bxc6 Tb8 10. Cc3 Bb7 11. Bb5! Bd5 12. b3! cxb3 13. axb3 Ba8 14. Bc4 c5: com igualdade, conforme partida Panno - Ivkov São Paulo 1973) 8...bxc6 9. Cc3... (com: 9. Cxc6 Dxe8 10. Cxe7 + Dxe7 11. Da4 e5 12. dxe5 Bxe5 13. Dxc4 Be6 14. Dc2 Bf5 15. Dc4 Be6; deu-se um rápido empate na partida Kirov - Geller, Sotchi, 1976) 9...c5 10. dxc5 Bxc5 11. Da4 Cd5! 12. Ce4 Cb6 13. Dc2 Be7 14. Cxc4 Cxc4 15. Dxc4 Dd5 16. Dc2 Bb7 17. f3 Dd4 + 18. Rg2 Bxe4 19. Dxe4 Dxe4 20. fxe4 Tfb8 21. b3 Bd6 22. Bf4...; e o jogo deu-se por empatado (JC).

## 8. Bxc6

Enfim, uma alternativa pouco agradável para quem teve o trabalho de colocar um tão forte bispo em fianqueto! Mas depois de 8. Cxc6 Bxc6 9. Bxc6 Tb8 as brancas terão dificuldade em manter a iniciativa. (JC)

Interessante também é 8. Cxc6 bxc6 9. Bxc6 Tb8 10. 0-0 (10. Cc3 Cd5 11. Da4 Cb4 12. Bg2 Tb6 13. a3 Ta6 14. Db5 Cc2 15. Tb1 Cxd4 16. Dxc4 e as brancas obtiveram excelente posição, Ivkov - Donner, Amsterdão 1976. Mas em lugar de 10...Cd5 as negras podem melhorar a linha com 10...Bb7 e devem conseguir a igualdade - A-JPS) Cd5! 11. Da4 Cb4 12. Bg2 a6 13. a3 Bg7 14. Dd1 Cc6 15. d5 Ca5 com jogo confuso (LS).

## 8...bxc6 9. Cxc6

Bastante pior é 9. 0-0 que inverteria para a primeira partida do "match" Korchnoi - Petro-

sian, onde as negras obtiveram excelentes hipóteses jogando 9...c5 10. dxc5 Bxc5 11. Da4 Cd5! 12. Ce4 Cb6 embora não conseguissem mais que o empate. (LS)

9...De8 10. Cxe7 + Dxe7

Como resultado das trocas verificadas, as brancas conseguiram provocar debilidades notórias na estrutura dos peões do adversário e procurarão assegurar o ganho do Pc4; por sua vez, as negras possuem ainda o bispo das casas brancas, o do fianqueto adversário, o que é sempre forte e estão em vantagem de desenvolvimento, que lhes permitirá reagir no centro de forma a compensar a perda do Pc4. Portanto, a posição está equilibrada. (LO)

11. Da4

A queda do Pc4 explica por si a opção tomada, ainda que... (JC)

11...c5

O contra-ataque das pretas fosse inevitável, abrindo linhas para as suas figuras em aproveitamento da vantagem de desenvolvimento. (JC)

12. Dxc4 cxd4 13. Dxd4 e5 (! - FS)

Karpov sacrificou um peão mas a compensação é evidente: fácil jogo de peças, melhor desenvolvimento e a possibilidade de ataque com o Bc8 dada a inexistência do seu colega branco o Bg2. As negras já ameaçam 14...Bh3, dificultando o roque pelo que!! (FS)

14. Dh4

A retirada mais lógica. Protege de um eventual Bh3 e prega o Cf6 (LS).

14...Tb8 15. Bg5

Uma pequena diferença na estrutura de Peões brancos, isto é: "b3" e "g2" em substituição de "b2" e "g3"... e a vantagem material das brancas apesar de existirem Bispos de cor contrária, tornar-se-ia importante! Para acentuar a gravidade da posição - caso as brancas pretendessem conservar o Peão, sem adiar a segurança do seu Rei - basta observar este rascunho de linha: 15. b3 Tb4 16. Dg5 Bb7 17. 0-0 Dd7 18. Bb2 Dh3 19. f3 Cg4; e as brancas estão perdidas. E de outra forma como anular a pressão sobre "b2"? V. Korchnoi não tinha alternativa pois basta conhecer o seu estilo para adivinhar-se que quando há a mínima hipótese de conservar um Peão ele não hesita em assumir os respectivos riscos. (JC)

Devolvendo o peão de vantagem antes que a iniciativa de Karpov se tornasse demasiado forte por exemplo: 15. 0-0 Tb4 16. Dg5 De6 17. b3 Bb7 18. Ba3 Dc6, etc. (LS)

Se as brancas tentam reter o peão de vantagem em vez de procurar equilibrar com contra-jogo central, teríamos então não 15. b3 Tb4? 16. Ba3 mas 15. b3 Dc5 16. Bb2 Tb4 17. Dg5 e agora Bh3 ou Ce5 proporcionariam às negras uma ótima posição. (LO)

15...Txb2 (! - RP)

Um lance digno da escola de um conhecido clube nacional! Se agora 16. Cd5 parece muito forte 16...Dd6(a) 17. Bxf6 Dxd5! e as negras ganham. b) 17. Cxf6 + gxf6 18. Bh6 (Bxf6? Dd2-) Bf5. (RP)

16. 0-0

Contra o especulativo 16. Cd5 Da3 (é interessante saber-se que 16...Dd8 17. 0-0-0!...: parece ser "suficiente") 17. Cxf6 + gxf6 18. 0-0! fxc5 19. Dxc5...; com empate com xeque perpétuo. O lance 16. Cd5...; foi indicado por Luis Santos ("A Capital" de 23-8-78) e ele ali chega à mesma conclusão de empate após: 16...Db7 etc. Voltaremos a referir esta posição dado que ela é extremamente rica do ponto de vista tático e merece o apuramento analítico conveniente. (JC)

Tentador é 16. Cd5 mas depois de 16...Db7; 17. Cxf6 + gxf6; 18. 0-0 (18. Bxf6? Dxc5 +) fxc5 19. Dxc5 Rh8; 20. Df6 + não há melhor que empate por xeque perpétuo. (LS)

16...De6

A dama liberta-se da pregagem. (JC)

17. Bxf6

Mas as brancas estão atentas e forçam a sua troca, iludindo as fundadas ameaças de ataque das pretas. (JC)

17...Dxf6 18. Dxf6 gxf6 19. Tab1 Txb1 20. Txb1 Be6 21. f3 Tc8 22. Tc1

Única mas suficiente para empatar. (LS)

22...Tb8 23. Tc2 Tc8

Karpov pode forçar o empate e não tenta mais nada. (LS)

24. Rf2

Se 24. Tc1 Tb8 também empata, mas por repetição de jogadas. (LS)

24...Bxa2 25. Txa2 1/2 - 1/2

Karpov aceitou a proposta de Korchnoi por intermédio do árbitro. Depois de 23...Txc3 26. Txa7 são inúteis todos os esforços de obter vantagem para qualquer dos lados.

Comentários de:

(A-JPS) ANTÓNIO E JOSÉ P. SANTOS  
(AP) ÁLVARO PEREIRA  
(EM) EDUARDO MONTEIRO  
(FS) FERNANDO SILVA  
(JG) JAIME GILBERT  
(LO) LUÍS OCHOA  
(LS) LUÍS SANTOS  
(RP) RUI PEREIRA  
(VS) VASCO SANTOS

Compilação de ÁLVARO FERNANDES

# SOLUÇÕES

COMBINAÇÕES

52 (GAPRINDASHVILI - SERVATY, Dortmund 1977) 1. Dd4!! Dxc1 + 2. Rd2 Dxa1 3. Df6!1:0

53 (KRUGER - ISKOV, Dortmund 1978)

1. Bg5!! hxg5 2. hxg5 Dxc5 (Se 2...Dg6? 3. Ce7 +) 3. Dh5! (A dama não pode ser tomada em virtude de 4. Ce7 + Rh7 5. Txb5 +) Cxd3 + (Forçado) 4. Cf1 Dxc2 + 5. Rxc2 Cf4 + 6. Rf3 1:0 (se 6...Cxb5 7. Ce7N e 8. Txb5 +)

54 (BUZA - VAISMAN, Mangalia 1977)

1...Ta8! 2. Dxc7 + Re6 3. Tg1 (Se 3. Tc1 Bxf3! 4. gxf3 Cf4) Dxf3! 4. Dg6 (Se 4. gxf3 Bxf3 + 5. Tg2 Txa1 ++ Dxc2 +! 5. Dxc2 (Se 5. Txc2 Txa1 ++ Cg3 +! 0:1 (Se 6. hxg3 Th8 +)

PROBLEMAS

52 (ANDERSSON) 1. Rd6 am. 2. Db7 ++. 1...Td3 + 2. Bd5 ++. 1...Tg6 + 2. Be6 ++. 1...Rb4 2. Rxc6 ++) Belo "Meredith". A chave, temática, introduz o xeque. Tema de xeques cruzados com intercepção negra e bateria branca.

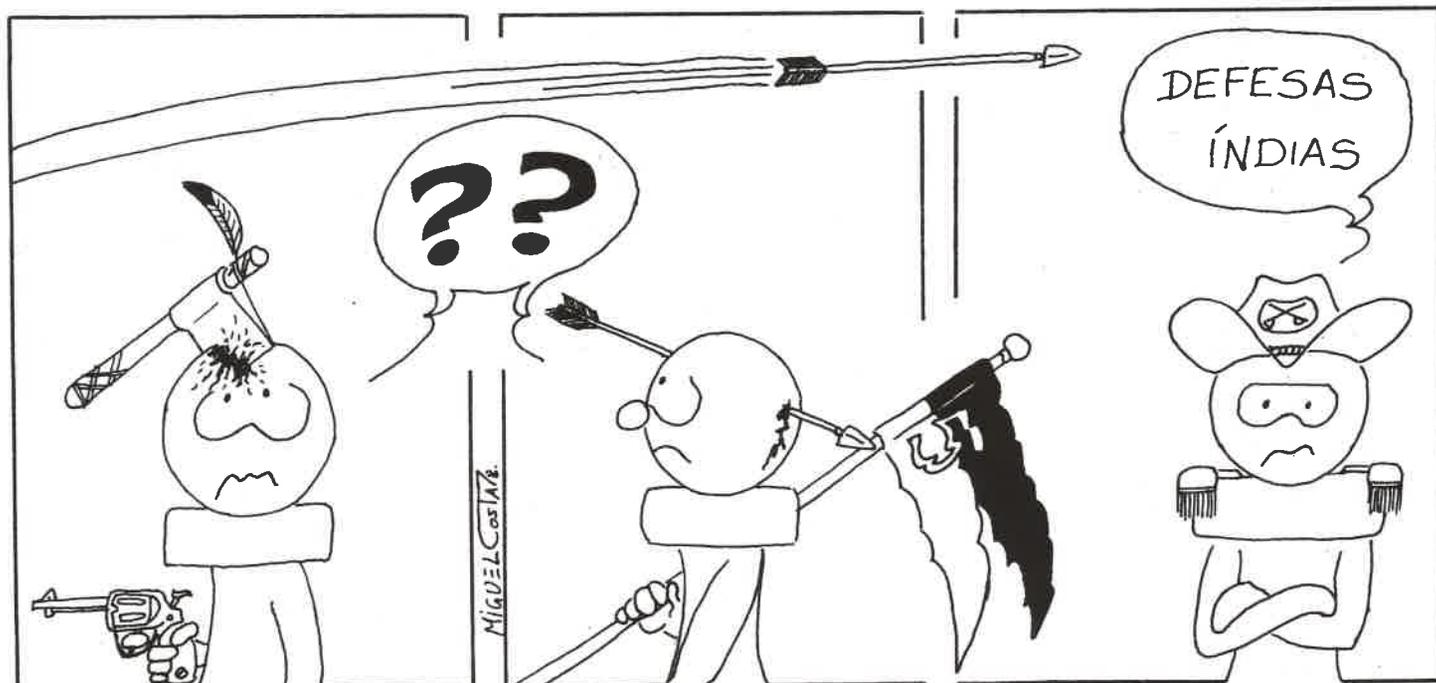
53 (SUTHERLAND) A análise demonstra que o último lance negro foi d7-d5. Daí 1. e5xd6 e.p. 1...Td5 2. Ce5 ++. 1...Txf5 + 2. g4xf5 ++. 1...Txc8 2. fxc8 =C ++. 1...Bxe7 2. f8 =D ++. 1...Bxc4 2. Dxc6 ++. 1...Rxf6 2. exf8 =C ++. Note-se que no jogo aparente 1...Bxe7 + 2. C (qualquer) xe7 ++. O xeque é mudado para ...Txf5 +, desaparecendo a dualidade.

54 (VISSERMAN) 1. Rf7 am. Tg5 e Cg7 ++. 1...Cf2 2. Dxf4 + exf4 3. Cd4 ++. 1...Ce3 2. Cd4 + e5xd4 3. Bxd3 ++. 1...Cf3 2. Bxd3 e5-e4 3. Dxf4 ++. Segundos e terceiros lances brancos alternam ciclicamente.

FINAIS

52 (LOYD) 1. C5g3 + Rg1 2. Cg5 ganha.  
53 (SCHLESINGER) 1. Re2 Rxc1 2. Rf1 c4 3. Bxc4 a2 4. Bxa2 b3 5. Bxb3 Bd4 6. e5 e dá mate. Os lances dos peões negros podem ser trocados mas o resultado seria o mesmo.

54 (LARSEN) 1. Cd4 Rd6 2...Cb3 a4 3. Ca1 Rd5 4. Rg7 Rd4 5. Rf6 Rd3 6. Re5 Rd2 7. Rd4 Rc1 8. Rc3 ganha.



## Luis Santos novo campeão nacional

Em grande apuro de forma Luis Santos impõe-se num dos mais fortes campeonatos nacionais de sempre. José Oliveira e Rui Pereira contam como foi tudo isso... e muito mais.

### 1. O RELATO DUM JOGADOR

Com organização do Clube de Campismo de S. João da Madeira por delegação da FPX, realizou-se naquela vila o XXXIV Campeonato Nacional Individual. Sendo considerado dos mais fortes de sempre, veio a terminar com a vitória de Luis Santos, do Sporting Clube de Portugal.

#### O MAIS PODEROSO

Neste torneio podemos destacar uma confirmação e uma revelação. Desta falaremos depois. Quanto à confirmação, pois que outra coisa poderíamos considerar a vitória de Luis Santos, que desde o fim da época passada tem vindo a acumular sucessos e excelentes actuações? Com uma grande regularidade, que o traz em apurada forma ele foi o vencedor do torneio e é o campeão, sem sombra de contestação. Nem a ausência de Cordovil ou mesmo José P. Santos poderá beliscar a justeza deste título, que lhe (a Luis Santos) assenta perfeitamente: É um jogador simultaneamente forte, criativo e combativo. Aliás um xadrezista que acumula os títulos nacionais absoluto, aberto e por correspondência, o 2º lugar nas rápidas e o 3º nas semi-rápidas, não há dúvida! É mesmo "o mais poderoso".

Do início ao fim do torneio, foi quem mais convenceu. Aguentou perfeitamente a perseguição que lhe foi movida pelo também sportinguista (sob todos os aspectos este foi um campeonato sob o signo do verde) Fernando Silva, anterior campeão. Nem o empate prematuramente cedido a António Fernandes pode deslustrar a excelente prova de Luis Santos, apesar de que isso o poderia ter forçado a um "match" com Silva.

Mercê das diligências efectuadas pela FPX junto à FIDE, vamos ter a satisfação de o ver jogar no torneio Zonal que brevemente se disputará no Algarve. Uma excelente oportunidade para o jovem campeão tentar o salto para o título de Mestre.

#### FERNANDO SILVA E SÍSIFO

Da marcha do torneio, poderá o leitor ter uma ideia consultando o quadro progressivo. Chamar-lhe-emos a atenção para a vitória de Luis Santos sobre Joaquim Durão logo na 1ª sessão, sem dar tempo para "aquecer", e para o facto de à 2ª já não haver "concorrentes totalistas" (só com vitórias), o que demonstra um certo equilíbrio.

Com o isolamento de Santos depois da 4ª sessão, começa um "sprint longo" de F. Silva para o tentar apanhar. Muitos conhecerão o mito de Sísifo, que foi condenado a subir uma montanha carregando um enorme rochedo. Rochedo esse que fatalmente voltava a cair encosta abaixo quando a tarefa estava quase cumprida. Pois também Fernando Silva conseguiu alcançar Luis Santos, ao vencer Joaquim Durão na 8ª sessão, enquanto o seu companheiro de clube anulava pacificamente com António Fernandes. O que aconteceu é que depois de um pequeno resvalar (empate com Renato Pereira) o mestre internacional sofreu uma autêntica derrocada frente a António Ferreira, o que "dio al traste con sus aspiraciones". A diferença é que o mítico condenado devia recomençar de imediato, enquanto F Silva só o fará para o ano.

Ao entrar na última sessão com 1/2 ponto de vantagem sobre Fernandes, Luis Santos já tinha o título totalmente garantido. Com o empate na partida Durão/Fernandes acordou-se de imediato na repartição do ponto na partida R.S.Pereira/L.Santos, sem quase ter sido necessária qualquer proposta (Honyy soit qui mal y pense!), com o que de imediato este último se tornou o sucessor de Fernando Silva no título de Campeão Nacional.

#### ONDE SE FALA DE TODOS UM POUCO, DA INOCENTE CRIANCINHA AO TENEBROSO BARBA-NEGRA

O 2º lugar foi para António Fernandes. Mereceu incontestavelmente um dos lugares de honra (coisas do vocabulário) o que não quer dizer (nem ele o afirmará, estamos certos) que seja o 2º melhor jogador nacional. Ainda muito novo, deverá meditar naquilo que era voz corrente em S. João: "O António não joga Xadrez, ganha jogos". Descartando qualquer intuito desmobilizador, dever-se-á ter em conta que não há fumo sem fogo. Algo de verdade está nesta afirmação.

De qualquer modo, e embora com bastante fidelidade, a sua classificação não escandaliza demasiado.

Renato Pereira foi um dos mais aplicados no torneio, como Fernandes ou Santos. Jogou cada partida como se fosse a única, demonstrando uma notável combatividade, para mais auxiliado por uma excelente preparação física — é aliás dos poucos que a cuidam. Para a maioria dos participantes no campeonato, seria aquele a quem melhor assentaria ser Vice-Campeão.

Se provas fossem necessárias para demonstrar a força do torneio, pois aí teríamos a classificação dos dois MIs, F. Silva 4º e Durão 5º. O primeiro ainda discutiu o título até à penúltima sessão, na qual jogou debilmente, muito debilmente, dando oportunidade a António Ferreira de mostrar o seu talento para a tática. Depois de cerca de três anos sem perder em Portugal, a 3ª derrota deste ano demonstra pelo menos uma de duas coisas: Um "amolecimento" do ex-campeão nacional e/ou um progresso do xadrez cá do burgo.

Quanto a Durão, demonstrou eficiência contra os mais fracos, mas o seu estilo mostrou-se pouco adequado contra jogadores mais seguros. Jogando todo "balanceado ao ataque", faz demasiadas concessões posicionais que acabam por ser impiedosamente aproveitadas.

Martinho Lopes fecha a 1ª metade da tabela. Consideração sobre o estilo deste autêntico pirata do tabuleiro poderão ser encontradas no artigo de José Oliveira. Tal jogador (que usa uma espessa barba negra) é sempre o terror do torneio, chegando a povoar os pesadelos dos seus potenciais adversários.

#### NO MEIO ESTÁ... O BOMBISTA LOUCO!

Com 50% ficou António Ferreira. Sem o querer subvalorizar, parece-nos que foi um resultado acima da sua força actual. (Veja-se também a actuação de Mário Morais no campeonato do ano passado, e repare-se que este ano nem foi campeão distrital). A realidade deve situar-se algures entre a má actuação da preliminar e a excelente da final. De qualquer modo, mostrou imenso talento e está em ascensão. Pelo papel que teve neste torneio, pela confusão que causou na tabela e pelo seu pouco respeito pelos "consagrados", merece bem o cognome de "bombista louco", como chamavam àqueles que aterrorizavam a mediocre burguesia estabelecida no início do século.

#### DAS PROFUNDEZAS DA TABELA

Actuações muito semelhantes tiveram Rui Pereira e Sílvio Santos, 8º e 10º. O primeiro atravessa um ano mau, com resultados medíocres. Não é o caso deste (resultado), pois para a aplicação posta no torneio, o 8º lugar foi até lisonjeiro. Dir-se-ia que foi para S. João passar férias! (Não estamos muito certos desta impressão, pois apesar de o conhecermos há mais de 20 anos, este jogador ainda tem para nós muitas facetas desconhecidas. Por exemplo: julgá-vamo-lo abstémio). O mesmo se poderá dizer, mutatis mutandis, em relação a Sívio Santos, com a excepção do ano mau. Aliás, entre os dois verificou-se um empate em 10 lances, logo na 1ª sessão.

Luis Ochoa era apontado como um dos favoritos no início do torneio. É portanto natural que encarasse este Campeonato com confiança e ambição. O que é facto é que ia muito bem lançado até perder (mal) com António Fernandes. Uma possível quebra física poderá explicar o "débaçle". Logo a seguir, Luis Santos e os dois turistas puseram-lhe definitivamente o moral de

rastos (passe o plágio). Outra forma de explicar a sua débil actuação, indicada pelo próprio Ochoa: "Claro, não foi Suíço!".

Tendo o azar de perder logo as 4 primeiras partidas, Fernando Sequeira ficou de imediato totalmente desmoralizado, pelo que nem causou espanto que viesse a perder com Durão e empatar com Renato Pereira em posições que deveria ganhar, além de enfiar um grandessíssimo barrete (mate em dois) depois de encostar Fernando Silva às cordas na última sessão (o tal rochedo quase que ia até ao sopé!).

Arlindo Vieira era à partida o jogador menos forte. Tendo tido para cúmulo problemas de saúde a meio do torneio, não admira a sua actuação: 8 derrotas e 3 empates (um dos quais, com Rui Pereira, em posição ganhante mas com escassez de tempo).

### OS RAPAZES (E RAPARIGAS) DO TRAPÉZIO VOADOR.

Quando falámos de revelação, poderá o leitor ter pensado em António Ferreira. Não nos referíamos no entanto a qualquer jogador, nem o experiente árbitro José Oliveira poderia constituir mais que uma confirmação. Revelação foi a excelente organização deste campeonato por parte do Clube de Campismo de S. João da Madeira. Contra aqueles que de início afirmaram que "estes rapazes esmeram-se, mas não têm experiência de organização", surgiu-nos a máquina impecável, de eficiência levada ao pormenor. O abaixo-assinado dos jogadores e árbitro, elogiando a organização, não traduz nem poderia traduzir completamente a qualidade organizativa do torneio. Foi inultrapassável no aspecto técnico, e ainda mais, se possível, no aspecto humano. Os perigos, os exercícios de equilíbrio necessários para contentar um grupo de pessoas tão susceptíveis e instáveis como o dos jogadores, assim como uma conhecida canção que andou na berra durante o Torneio, justificam o subtítulo.

(Estamos certos que esta "troupe" é a melhor equipa de organização do país. A única coisa menos perfeita no torneio é que incompreensivelmente fomos obrigados a jogar xadrez durante a tarde e até por vezes à noite. Sendo

certo que alguns conseguiram ultrapassar esse contratempo em algumas sessões, seria preferível que para a próxima essa ridícula formalidade não fosse burocraticamente exigida).

Chamamos à atenção para o anúncio aqui publicado (de organização de torneios). Àqueles que possam achar os preços demasiado altos, garantimos que são uma autêntica pechincha. É como comprar uma genuína rede de trapezista por cem paus!

### A "ANIMADA FESTA DE ENCERRAMENTO"

O autor destes comentários teve oportunidade de conhecer uma outra revelação: a do "afamado VERDE da região" (citamos o Piri-lampo), que lhe deu para tudo, do rir ao chorar, do taciturno ao eufórico, sem esquecer a tradicional soneca. Esta última é única responsável pela falta de uma reportagem da animada (supomos) festa de encerramento do Torneio, falta que o leitor por certo perdoará!!

RUI PEREIRA

## 2. O RELATO DO ÁRBITRO

Chegámos a S. João da Madeira já a noite ia avançada. Os últimos quilómetros de viagem foram, naturalmente, de semi-pânico, e todos nós tratámos de passar despercebidos. É sabido que as rivalidades concelhias naquela região são grandes, tínhamos ouvido dizer que, se alguém nos descobrisse, era muito capaz de desviar o autocarro ou de raptar os jogadores e árbitro, negociando em seguida a transferência do Campeonato para outra localidade.

Felizmente o disfarce funcionou às mil maravilhas, e conseguimos não ser importunados até S. João. Pouco depois fomos levados à Vila da Feira, onde, todas as noites, passámos a gozar da companhia amiga de Morfeu.

E conseguimos não ser importunados até à chegada do Durão e de mais três "craques", que tinham saído ligeiramente atrasados de Lisboa, e só acabaram a viagem às quatro da manhã. Como já não havia quartos de estalagem, fizeram um chinfrim do diabo, que ia pondo em pé de guerra a Vila da Feira e concelhos limítrofes. Ao



Luis Santos, o novo campeão nacional, retratado por Marina.

fim e ao cabo, as coisas arranjaram-se: depois de tudo bem sorteado, Durão e Luis Santos ficaram num quarto desencantado por obra da magia, Fernando Silva dormiu na cama com um criado, e Ochoa lá se arranjou dentro de um roupeiro de quatro estrelas.

Excepto para os que perderam, o Campeonato começou da melhor maneira. As salas de aula da Escola Preparatória transformadas em salas de jogo, serviram bastante bem para o efeito, e a assistência ocorreu entusiasmada. "Aquele é que é o Karpov? E o Korchnoi?"; "O Korchnoi deve ser o mais velho".

As salas de jogo davam para um pátio, que dava uma elevação, que, por sua vez, dava para a linha do Vale do Vouga. Todos os dias, a uma dada hora, passava o combóio a apitar, e, curiosamente, esse momento coincidia quase sempre com o início dos apuros de tempo. Com a passagem, do combóio instalava-se o nervoso miudinho, assistia-se a tremores de terra com o epicentro nos pés dos jogadores e começavam as corridinhas à casa de banho.



# ○ Pirilampo

SÉRIE ESPECIAL COM TODAS AS PARTIDAS  
E NOTICIÁRIO DO XXXIV CAMPEONATO NACIONAL INDIVIDUAL

Cada número: 5\$00 – Colecção (12 números): 50\$00

ENVIE CHEQUE OU VALE AO CLUBE DE CAMPISMO DE S. JOÃO DA MADEIRA  
RUA VISCONDE, 2244 – S. JOÃO DA MADEIRA

Nestes apuros ou fora deles, uns pensavam mais e outros menos, uns melhor e outros pior, e as partidas lá iam terminando, invariavelmente empatadas ou ganhas para um dos lados.

Depois do jogo e salvo poucos dias em que houve prolongamentos (que, aliás, a arbitragem tentou proibir por serem chatos), chegava a hora dos xadrezistas, devidamente acompanhados pela organização e árbitro, se banquetear com tantos jantares regados com vinho verde. Muito bem se come (e sobretudo se bebe) no Norte! Fontes geralmente bem informadas asseguraram-nos que, a partir do momento em que a palavra "verde" entrou no vocabulário dos jogadores, o nível técnico do Campeonato baixou bastante.

Seguidamente, quase todo o pessoal se dirigia ao Clube de Campismo, onde ficava até as tantas, a jogar "rápidas", bridge, wilst, renhinhó e outras coisas mais. O mestre Durão preferia, às vezes, retirar-se para os seus aposentos na Vila da Feira, onde ficava até às tantas a jogar (no tobobola).

E a propósito, convém dizer que S. João e a Vila ficam, no mapa, a 6 Km. Mas para quem ia, a 150, no Alfa Romeu de João Valente, até pareciam que eram mesmo ao lado. Havia, aliás, transportes de diversas velocidades: por exemplo, o carro do Toné que até tinha o "ovo estrelado", andava tão depressa que só conseguia ultrapassar veículos parados.

A Vila da Feira é uma terra bastante acolhedora. Tem um castelo fácil de assaltar, uma feira no dia 20 de cada mês (onde o autor destas linhas comprou um precioso par de atacadores) e um restaurante cheio de moscas, que, para variar, apresenta sempre a ementa — bife, frango e febras.

Um dia, quando descemos dos respectivos quartos, encontrámos um senhor alto e de óculos, que era, nada mais nada menos, do que o GM Tsherkovsky, e fomos almoçar com ele. Estava um calor enorme, e como as moscas aumentam na razão directa do quadrado da temperatura, os pobres bichos voadores morriam esmagados aos milhares de cada vez que alguém dava um passo. Como a ementa era bastante variada nesse dia, uns optaram pelo bife, outros pelo frango e outros pelas febras, após o que seguimos para S. João. Enquanto decorria o Campeonato, Tsherkovsky aceitou jogar com a assistência simultânea de partidas rápidas, aviando, com as duas mãos dois adversários de cada vez. Aquilo foi uma festa, e a bicha de interessados em perder com o GM chegava quase a Oliveira de Azeméis.

Depois de seis jornadas de Campeonato, foi decretado o descanso no sétimo dia. Aproveitou-se a folga para um memorável desafio de futebol entre a equipa de jogadores de xadrez (que alinhou também com o árbitro, o que, aliás, muito a valorizou) e a equipa de organização. Sob a batuta de Arlindo Vieira, os "jogadores de xadrez" desenvolveram um excelente futebol, a que não é alheio o trabalho de Luis Ochoa, a avançado, que, sem apelo nem agravo, penetrava na defensiva contrária. Rematando com o pé que tinha mais à mão. António Ferreira, embora sem perfil propriamente de guarda-redes, serviu às mil maravilhas para o efeito. E foi, portanto, contra todas as previsões e sob pressão de um público demasiadamente caseiro que se assistiu à vitória de "organização" por 11-7.

"De seguida, com a fome a apertar, foi tudo para a caldeirada, e para o já afamado verde! No fim da refeição a queda musical foi revelada,

assim como as virtudes da pinga" (citação de imprensa do dia seguinte).

O Martinho Lopes foi das figuras mais típicas ("castiças", diz-se em S. João) do Campeonato. Para além dos dotes fadísticos, oratórios e no campo da futurologia, impressionou o seu estilo de jogo descontraido: "Aquilo está ganho, pá. Sacrifico duas peças, entro com a torre na sétima e dou mate". "Hoje — dizia ele entre duas fumaças — vou derreter o Luís Santos. Senão o Campeonato está resolvido". E gerou-se uma certa expectativa à volta da partida. Ninguém contava era que o Luís aparecesse com um caso novo, ao que parece revestido de amianto, assim conseguindo escapar *in extemis* ao maçarico do Martinho.

No meio dos torneios de xadrez costuma haver um senhor que não tem apito, nem veste necessariamente de preto nem é obrigado a correr de um lado para o outro, mas que se chama árbitro. Por aqui se pode ver a tranquilidade que normalmente rodeia tal personagem. O Campeonato Nacional não constitui excepção a esta regra, e foi assim que o árbitro teve oportunidade de ler, de uma ponta a outra, "O que diz Molero". Ora um belo dia, ia o árbitro na página 85 da referida obra quando foi importunado pelo jogador Sílvio Santos, que, o mais antirregularmente possível, conversava com António Fernandes. O árbitro não esteve com meias medidas e penalizou o Sívio em dez minutos, o que, sendo provavelmente caso inédito em Portugal, é capaz de resultar em muitos outros meios, nem que seja com o objectivo de permitir a quem não tiver de estar a jogar a leitura descansada do que muito bem entender.

"A minha partida com o Sívio estava ganha — dizia o Martinho Lopes, enquanto pousava a beata no cinzeiro — o pior é que levava duzentos anos a acabar." E puxando de outro cigarro: "Amanhã jogo com o Renato. Da última vez, eh!...ia com a dama, lá no fundo e ameaçava cinco peças ao mesmo tempo. Desfiz o tipo, mas estava à rasca porque tinha de ir apanhar o combóio, e propus empate".

Convém abrir aqui um parêntesis para dizer

### CLUBE DE CAMPISMO DE S. JOÃO DA MADEIRA ESPECIALISTAS EM ORGANIZAÇÕES DE CAMPEONATOS NACIONAIS

Se necessita de equipas especializadas em organizações de campeonatos dirija-se à nossa firma acima indicada.

Aceitamos qualquer tipo de encomenda e dispomos de preços verdadeiramente convidativos, pelo que sinteticamente, e segundo a Constituição, os passamos a indicar:

— Campeonatos Populares: ao preço módico de 120\$00 à hora; — Campeonatos Normais: 250\$00 à hora;

— Campeonatos de Luxo — (com banho e lagosta): 1 500\$00 à hora.

Somos a firma mais especializada neste tipo de negócio e estamos ao seu dispor na Rua Visconde, nº 2244, S. João da Madeira.

Se nos quiser contactar através do telefone risque o 22192, não que sem antes tenha marcado o: 0026.

A Secção de Xadrez (núcleo feminino) do C.C.S.J.M.

que o Renato Pereira foi soberano nas imitações que, no meio das várias jantaradas, fazia de alguns conhecidos jogadores, tais como Fernando Silva, Joaquim Durão, Luís Santos, António Rocha, Júlio Santos, Jaime Gilbert. Por outro lado, impressionou bastante a assistência o facto, de o Renato usar alternadamente dois cachimbos, e até se fizeram apostas, sobre as razões de tal atitude. Como nenhum dos adversários fez qualquer reclamação, a arbitragem achou por bem, não se imiscuir no assunto, pelo que o mesmo nunca ficou devidamente esclarecido.

Não há dúvida de que o "verde" é que dá alegria à vida, e por vezes a alegria prolonga-se pela noite fora. Na estalagem onde ficámos hospedados já eram poucos os que conseguiam dormir. As guerras de projecteis repetiam-se, e houve até quem tivesse a ideia de, a coberto da noite, cortar metade do bigode ao Arlindo. E foi

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Pts.
1. L. SANTOS	X	1/2	1/2	1/2	1	1/2	1	1/2	1	1	1	1	8 1/2
2. A. FERNANDES	1/2	X	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1	1	1	1	1	8
3. R. PEREIRA	1/2	1/2	X	1/2	1/2	1/2	1	1	1	1/2	1/2	1	7 1/2
4. F. SILVA	1/2	1/2	1/2	X	1	1	0	1/2	1/2	1	1	1	7 1/2
5. J. DURÃO	0	1/2	1/2	0	X	1/2	1	1/2	1/2	1	1	1	6 1/2
6. M. LOPES	1/2	1/2	1/2	0	1/2	X	1/2	1/2	1/2	1/2	1	1	6
7. A. FERREIRA	0	1/2	0	1	0	1/2	X	1	1/2	1	1/2	1/2	5 1/2
8. R. S. PEREIRA	1/2	0	0	1/2	1/2	1/2	0	X	1	1/2	1/2	1/2	4 1/2
9. L. OCHOA	0	0	1	1/2	1/2	1/2	1/2	0	X	0	1	1	4
10. S. SANTOS	0	0	1/2	0	0	1/2	0	1/2	1	X	1/2	1	4
11. F. SEQUEIRA	0	0	1/2	0	0	0	1/2	1/2	0	1/2	X	1/2	2 1/2
12. A. VIEIRA	0	0	0	0	0	0	1/2	1/2	0	0	1/2	X	1 1/2

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI
1. L. SANTOS	1	1 1/2	2 1/2	3 1/2	4	5	5 1/2	6	7	8	8 1/2
2. A. FERNANDES	1/2	1	2	2 1/2	3 1/2	4	5	5 1/2	7	7 1/2	8
3. R. PEREIRA	1/2	1	1 1/2	2 1/2	3	4	5	5 1/2	6	7	7 1/2
4. F. SILVA	1	1 1/2	2 1/2	3	3 1/2	4 1/2	5	6	6 1/2	6 1/2	7 1/2
5. J. DURÃO	0	1	1 1/2	2 1/2	3	4	5	5	5 1/2	6	6 1/2
6. M. LOPES	1/2	1 1/2	1 1/2	2	3	3 1/2	4	4 1/2	5	5 1/2	6
7. A. FERREIRA	1/2	1	1	2	3	3	3	3 1/2	4	5	5 1/2
8. R. PEREIRA	1/2	1	1 1/2	1 1/2	1 1/2	2	2 1/2	3 1/2	3 1/2	4	4 1/2
9. L. OCHOA	1	1 1/2	2 1/2	3	3	3	3	3	3 1/2	3 1/2	4
10. S. SANTOS	1/2	1/2	1	1	1 1/2	1 1/2	2 1/2	3	3	3	4
11. F. SEQUEIRA Jr.	0	0	0	0	1/2	1	1	1 1/2	2	2 1/2	2 1/2
12. A. VIEIRA	0	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1	1	1	1 1/2	1 1/2

então que alguém lembrou o que aconteceu no último Campeonato Nacional de Juniores e Juvenis, em Portalegre (ver RPX nº13), em que, quando os jogadores chegaram, o hotel era de quatro estrelas, e, quando partiram, baixou para duas.

**P.S.** — Quem teve o privilégio de acompanhar este XXXIV Campeonato Nacional Individual cometeria grave injustiça se deixasse de referir que a organização ultrapassou em muito aquilo a que estamos habituados. A montagem da sala de jogo e dos serviços de informação e propaganda, de vendas de material didáctico e de bar esteve impecável. As actividades paralelas (ensino de xadrez, encontro com o GM Tshshkovsky, simultâneas e torneio de rápidas, este organizado em colaboração com a A-X-Aveiro) tiveram o mérito de atrair muitos antigos e novos praticantes. Finalmente, o apoio que em todas as circunstâncias foi prestado aos jogadores e árbitro, e o excelente convívio que constitui nota dominante desta iniciativa são dignos dos maiores aplausos. Por tudo isto estão de parabéns os vinte e muitos elementos do Clube de Campismo de S. João da Madeira que tornaram possível o Campeonato. No fim da prova, os participantes remeteram à organização um voto de louvor pelo trabalho realizado.

**JOSÉ OLIVEIRA**

### LUIS SANTOS — ANTÔNIO FERREIRA

*Índia de Rei*

1. c4 Cf6 2. Cc3 g6 3. g3 Bg7 4. Bg2 0-0 5. d4 d6 6. Cf3 Cbd7 7. 0-0 e5 8. e4

A continuação clássica que mantém uma ligeira vantagem central. Menos claras são as continuações 8. Dc2 ou 8. b3.

8...c6 9. h3 a5 10. Tb1 exd4 11. Cxd4 Cc5 12. b3 Te8 13. Te1.

Com uma ordem de lances original atingiu-se uma posição teórica polémica e de tratamento delicado. As negras terão que encontrar contra-jogo eficaz em estilo de guerrilha para evitar uma morte lenta por "sufocamento". O ataque à debilidade em "d6" e os avanços graduais "b4" e "f4" podem vir a oferecer uma decisiva vantagem de espaço às brancas.

13...Cfd7

Manobra típica na tentativa de encontrar maior actividade para as peças, pior é 13...Dc7 14. Bf4 Cfd7 15. Be3 Cf6 16. Dc2± (Elisbasses — Nadjorf Buenos Aires 1964).

14. Be3 Ce5 15. Dc2

Interessante é também 15. Te2 De7 16. Td2 como na partida O'Kelly,— Neshmetdinov Bukarest 1954 seguindo-se 16...a4 (especulando com o facto do c4 estar desprotegido) 17. f4 axb3 18. axb3 Ced7 19. b4 Ta3 20. bxc5 dxc5 21. Cdb5 cxb5 22. Cd5 Df8 23. Txb5 sendo a superioridade branca evidente. A enciclopédia apenas assinala 15. Bf1(?!) f5 16. f4 Cf7=

15...h5!?

Uma novidade teórica nesta posição, embora o lance seja temático; a ideia é impedir um eventual g4 e preparar o debilitamento das casas "f4" e "g3" quando as brancas se expandirem com f4. No último interzonal de Biel 1977, Vukich preferiu 15...De7 16. Tbd1 f6 17. f4 Cf7 18. Bf2±, conseguiu-se impor a Panno após vários erros de ambos os lados!

O plano 15...Ced3 16. Ted1 Cb4 17. Db2 a4 é errado pois as brancas dispõem de 18. a3! Cba6 19. b4+=

Lógico é 15...a4 imediato pois se 16. f4? axb3 17. axb3 Ced3 18. Ted1 Cb4 e as negras estão muito bem.

Impedindo a ameaça 17. Cxc6 seguido de Bxc5

17. f4 Ced7 18. a3±

Mais forte que 18. Bf2 que desprotegia o objectivo de ataque das negras, "f4". É já difícil organizar uma retirada lógica e ordenada, para uma defesa sólida do último reduto negro.

18...Cf8 19. Bf2 Df6? ! 20. Cde2!

Para além das ameaças posicionais 21. b4 e 21. Bd4 este lance ameaça 21. e5! golpe tático que aproveita a situação do Cc5.

20...Bh6? 21. b4?

Mantém a pressão posicional preparando o

ataque natural ao d6 e c6, mas 21. e5! era de longe superior!

21...Ccd7 22. Dd2 Ce6!

Se as brancas tivessem previsto este lance teriam optado por 21. e5! Sem qualquer excitação!

23. b5!

Não era bom 23. Dxd6 por 23...Bf8 e cai um precioso peão em b4

23...h4

Há que jogar activo! 23...Bf8 24. bxc6 bxc6 25. e5! não dava grandes esperanças às negras

24. bxc6 hxg3 25. Bxg3 bxc6 26. Dxd6 Bf8 27. Dxc6 Ta6 28. Db5

As brancas ganharam dois peões e prepararam-se para "esmagar" com 29. Cd5 etc...

28...Cc7 29. Cd5 Cxd5 30. Txd5

Parece melhor 30. cxd5 mas a pressão "d7" e "e8" é tentadora...

30...Tb6!

Quem já deu dois peões, não se pode preocupar em dar mais um!

31. Dxa5

Digno de atenção era 31. Da4

31...Tb3! 32. c5



Tudo parece decidido, 32...Txa3 está controlado o sacrifício de qualidade 32...Tgx3 não oferece grande perigo e depois de 33. Bf2 tudo será fácil com três peões a mais, mas...

32...Cxc5!

Uma pequena surpresa! Novamente a melhor hipótese prática. Recupera um peão e activa todas as peças. No tático o jovem António Ferreira não tem dificuldades em mostrar as suas aptidões, e não se dá por vencido... mas o relógio já apertava...

33. Txc5 Tgx3 34. Cxg3! Dd4 + 35. Rh2 Bxc5 36. Tc1! Bb6 37. Dg5 De3!

Mais uma vez a única defesa!

38. Tb1 Bc7!

Impede 39. e5 e se 39. Ch5 Te5 40. Cf6 + Rg7 (40...Rf8 41. Ch7 + 42. fxe5) 41. Dh4 Tb5 e não é possível 42. Txb5? por 42...Bxf4 + 43. Rh1 Dc1 + e mate.

39. Tf1! 1:0. As negras perdem por tempo.

Depois de 39...Td8 40. De7! etc...

### FERNANDO SEQUEIRA Jr. — LUIS SANTOS

*Siciliana*

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 d6 6. Bc4 e6 7. Be3 a6 8. De2.

Iniciando o temível ataque Velimirovich

8...Dc7 9. 0-0-0 Ca5.

Variante pouco usual, que prepara o imediato ataque no flanco de dama deixando o bispo em f8 evitando linhas demasiado analisadas como 9...Be7 10. Bb3 Ca5 11. g4 b5 12. g5 Cxb3+ 13. axb3 Cd7 14. Cf5!? sacrifício com que F. Silva conseguiu vencer Tukmakov em Odessa, mas a variante mais praticada começa em 9...Be7 10. Bb3 0-0 11. Thg1 ou 11. g4 etc...

10. Bd3

Melhor que 10. Bb3 b5 11. g4 Cxb3+ 12. axb3 b5 com equilíbrio: Se 12. Cxb3? ! b4! 13. Ca4 Tb8! 13...Cxe4? ! 14. e5 dxe5 15. Cac5 Tb5 com clara vantagem negra Rodin (U.R.S.S.) — L. Santos correspondência 75-77

10...b5 11. f4

Pior é 11. Bg5 b4 12. Cb1 Be7 13. f4 e5 14. fxe5 dxe5 15. Bxf6 Bxf6 16. Cb3 Cc6 17. a4 bxa3 18. Cxa3 0-0 19. Rb1 Be7 20. Cc4 a5 21. c3 a4 22. Cbd2 Be6 23. Ce3 a3 24. b3 a2+ 0:1 Rantanen — Reshevky, Nice 1974.

Interessantes são também as continuações 11. a3 ou 11. g4.

11...b4 12. Cb1 e5 13. Cf3? !

Melhor é 13. Cf5, a partida Ljubje-

vich — Musil Portoroz, Ljubljana 1975 continuou 13...g6 14. fxe5 dxe5 15. Bg5 b3 16. Cc3 bxa2 17. Cxa2 Db6! 18. Bxf6 Dxf6 19. Bb5+ axb5 20. Dxb5+ Dc6 21. Dxe5 Be6 22. Cd6+ Bxd6 23. Txd6! Cb3+! 24. Rb1! (24. Rd1? Dxd6+!) Cd2+! 25. Rc1 (25. Txd2 Da4! 26. Dxh8+ Re7 27. Dxa8 Bxa2+ etc...) Cb3+ empate.

13...b3 14. Cc3 bxa2 15. Cxa2 Be7 16. Cc3 0-0 17. f5 Bd7!

Mais lógico seria 17...Bb7 controlando o "d5" mas a preocupação de dominar "a4" e b5 revela intenções mais agressivas.

18. g4

Aproveitando imediatamente a tentadora entrada em "d5" mas o ataque negro vai ser mais rápido!

18...Tfb8 19. g5



19...Txb2!!

Muito mais forte que 19...Db7? ! 20. gxf6 Dxb2+, 21. Rd2 Cb3+ 22. Re1 Dxc3+ 23. Rf2 etc...

20. Rxb2

Única se 20. Bd2 Dc5! 21. Rxb2 Tb8+ 22. Ra2 Cc4. Se 20. gxf6 Dxc3 ameaçando 21. Cb3++ Se 20. Rd2 Cb3+ etc... Se 20. Dd2 Cb3+ ganha a dama.

20...Tb8 + 21. Ra2 Cc4! 22. Ra1

Novamente única, a ameaça era 22...Da5+

22...Cxe3

Recuperando o material pois o Cc3 volta a estar atacado.

23. Ca2 Cxd1 24. Txd1

Se 24. gxf6 Cc3! 25. Dd2 Cxa2 etc...

24...Ch5

As negras saem vitoriosas da primeira batalha com um peão a mais, par de bispos e ataque!

25. Dd2 Cf4 26. Bf1 Db7? !

Com 26...d5! já nada restava para oferecer qualquer resistência.

27. Dc3! Bc6? ! 28. Cd2!

Em quatro jogadas apenas, a vantagem negra foi substancialmente reduzida!

28...Bb5 29. Tb1 d5!?

Mais vale tarde do que nunca! Se 29...Bxg5 30. Dg3! ameaçando também 31. c4

30. Dxe5 Bxg5 31. c3!

Única para evitar 31...Bf6 que seria decisivo. Apesar do peão a mais e de uma aparente melhor colocação de peças, a posição das negras é difícil!

31...Tc8 32. Cf3 De7! 33. Bxb5 axb5

34. exd5 Dxe5 35. Cxe5 Bf6 36. Cc6.

Tudo se simplificou e o final resultante de 36. Cg4 Cxd5 37. Cxf6+ gxf6! 38. Txb5 Cxc3 é bastante superior para as negras.

36...Cxd5 37. Txb5 Cxc3 38. Cxc3 Bxc3+

39. Rb1 Rf8 40. Tc5 Bf6 41. Rc2 Re8 41...Ta8!?

42. Rd3 Rd7 43. Ce5+ Bxe5 44. Txe5

Te8!

Único caminho para uma vitória!! Se 44...Rd6 45. Te1 Tc5 46. Tg1 com empate relativamente fácil.

45. Ta5 Te1

Ameaçando 46...Re7 que seria decisivo.

46. f6!? gxf6 47. Th5 Re6 48. Txb7

Este foi o lance secreto, a vantagem negra é bastante grande pois o rei negro encontra-se cortado e o peão branco não oferece grande perigo.

48...f5 49. Th8 Rf6 50. Rd2 Te5! 51. Tg8? ! f4 52. Tg2 Rf5 53. Te2 f6 54. Re1 f3 55. Txe5 fxe5 0:1

(Comentários de Luis Santos)

# O sistema Elo e a sua aplicação em Portugal (4)

## 5. OS ANOS SSESSENTA

No início da década de 70 a regulamentação do xadrez em vigor em Portugal tinha já mais de dez anos e, para além das deficiências várias que já se lhe reconheciam, era inadequada face ao aumento do número de praticantes então verificado, nomeadamente de jovens vindos das escolas.

Dado o ostracismo a que o xadrez (bem como outras modalidades desportivas "pobres") foi votado durante o fascismo, os regulamentos de então privilegiavam naturalmente a prática do xadrez nos clubes, de forma a compensar-se, de certo modo, a debilidade da estrutura federativa, carecida de meios humanos e financeiros mínimos.

A base de praticantes concentrava-se em Lisboa, Porto e Coimbra e, embora as Associações Regionais tivessem um âmbito territorial vasto, o que é facto é que a quase da totalidade da sua acção incidia naquelas três cidades.

O acesso aos Campeonatos Regionais e Nacionais fazia-se através dos campeonatos internos de 3<sup>as</sup>, 2<sup>as</sup> e 1<sup>as</sup> categorias dos clubes. Porém os atrasos contínuos destes campeonatos de primeiro escalão ocasionavam atrasos nos campeonatos de âmbito regional e nacional, pelo que era bastante comum assistir-se à realização destes nas épocas seguintes!

A determinação das categorias dos jogadores fazia-se nos campeonatos internos, mediante a obtenção de determinadas percentagens de pontuação, fixas para todos os clubes, o que se revelava particularmente injusto, pois era concerteza mais difícil atingir a 2<sup>a</sup> categoria e sobretudo a 1<sup>a</sup> nos clubes com jogadores mais fortes.

Em meados da década de 60 a renovação das gerações de praticantes tornava-se perceptível. Foi porém o controverso match Fischer-Spassky, em 1972, que contribuiu decisivamente para o alargamento da base de praticantes e o grupo de xadrez Alekhine, entre outros, viu-se forçado a realizar campeonatos internos sucessivos ao longo de toda a época de 1972-73!

Quem questionaria a oportunidade de remodelação de estruturas, regulamentos e mentalidades?

## 6. A INTRODUÇÃO DO ELO

Por acção decisiva de José Salgado, director da Associação Regional do Sul, viveu-se uma época plena de actividade ao nível do distrito de Lisboa, a qual se propagou com dificuldade à FPX, cujas direcções, ao tempo, primavam pela inércia de repouso. Todavia, e apesar de alguma resistência, novos estatutos e regulamentos foram aprovados, foram criadas as Associações Distritais, e o Sistema Elo neles ficava consagrado pois "todos os jogadores inscritos na Fe-

deração estão sujeitos a uma classificação pontual" como rezava o artº 5 nº 1 do Regulamento de Provas e Classificação de Jogadores da FPX.

De futuro era através do Sistema Elo que se atribuíam as categorias aos jogadores.

Como se procedeu à transição para o novo sistema classificativo? Dado que anteriormente se distinguiram os jogadores como sendo de 3<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 1<sup>a</sup> categorias, e o novo regulamento (artº 6º) previa cinco classes (de A a E para os jogadores de classificação pontual inferior a 1 400 pontos) e quatro categorias ((3<sup>a</sup> de 1 400 a 1 599, 2<sup>a</sup> de 1 600 a 1 799, 1<sup>a</sup> de 1 800 a 1 999 e Categoria de Honra com 2 000 ou mais pontos), atribuíram-se 1 500 pontos aos que detinham a 3<sup>a</sup> categoria, 1 700 aos que detinham a 2<sup>a</sup> e 2 000 aos que pertenciam à 1<sup>a</sup> categoria (artº 51º). De acordo com o que ficou dito no nº 4 (RPX nº16) este processo não é inteiramente correcto, mas face à (in)disponibilidade de meios foi o mais prático. Sendo o Elo um sistema autocorrector, as anomalias iniciais iriam sendo corrigidas com a inclusão de sucessivas provas.

Aos jogadores recém-filiados era inicialmente atribuída uma pontuação de 1 500 pontos (artº6º) e as suas classificações pontuais calculadas partida a partida (Anexo I, nº 5) durante os primeiros 30 jogos. Aliás, só após estes 30 primeiros jogos o jogador possuía classificação pontual definida (artº5º) e poderia ser incluído numa categoria (artº6º).

Distinguia-se ainda a pontuação activa, da não activa (artº5º nº 5); o jogador para manter activa a sua classificação pontual era obrigado a disputar um mínimo de 30 partidas oficiais ou oficializadas em duas épocas, com um mínimo de 10 em cada uma.

O Regulamento então em vigor distribuía os jogadores por categorias de acordo com a sua classificação pontual definida, permitia o acesso aos Campeonatos Nacionais aos jogadores que conseguissem atingir uma classificação mínima determinada (artºs 12º e 13º), atribuía o título vitalício de Mestre Nacional (artº 7º nº 1) e definia critérios para a formação de seleções (artº 46º).

Escusado será acrescentar que o Elo nacional se aplicava apenas a partidas sobre o tabuleiro que respeitassem um certo ritmo de jogo (Anexo I, nºs 2 e 3).

Algum tempo após a entrada em vigor do "Regulamento de Provas e Classificação dos Jogadores" foram nele detectadas algumas insuficiências, amplamente referidas, no que ao Elo dizia respeito, no comunicado que acompanhou a divulgação da primeira lista oficial com as classificações pontuais.

Basicamente as insuficiências diziam respeito à deflaccão geral das classificações pontuais, isto é, da baixa contínua do conjunto das classificações pontuais devida à atribuição arbitrária de

1 500 pontos aos novos jogadores, à rigidez do coeficiente K, o qual deveria variar com a força, com a idade e com o número de jogos de cada participante e ainda ao próprio processo de cálculo utilizado quando numa competição entravam jogadores não classificados anteriormente.

De um ponto de vista mais prático, um outro problema se ia agudizando com o aumento contínuo do número de filiados e com o número de provas. Tratava-se do facto de todas as operações de cálculo serem manuais, obrigando a uma considerável perda de tempo, num trabalho extremamente cansativo e fastidioso. (pobre Albano Ilharco!).

## 7. O ACTUAL SISTEMA

Da consciência das deficiências do sistema e das dificuldades a superar, ao acto de reformular os regulamentos mediou talvez demasiado tempo. Todavia os obstáculos a transpor eram numerosos, já que as modificações no sistema de classificação implicavam alterações noutros regulamentos e não havia máquina acessível que possibilitasse os cálculos. Daí que só em Abril deste ano fosse possível a publicação do novo Regulamento Técnico.

Seria abusar da paciência dos leitores correr agora, artigo por artigo, o novo Regulamento. Quem estiver interessado poderá lê-lo e em caso de dúvidas pôr as questões dirigidas à RPX. Chamo no entanto a vossa atenção para os artºs 7 (sobre o coeficiente K), 11 e 12 (resultados anómalos) e 19 ("alinhamento" pela lista da FIDE).

Não ignoro que, para a generalidade dos jogadores, o actual regulamento não é suficientemente compreensível e, porventura, esta série de artigos tenha tido pouca utilidade no sentido de aumentar a sua compreensão. Parece óbvio, porém, que a preocupação de quem o fez não poderia ser a da clareza, sacrificando-lhe o rigor. A matéria é árida. Quem aceita o desafio? A RPX está aberta às perguntas dos leitores e pronta a prestar esclarecimentos.

VICTOR SILVA

## BIBLIOGRAFIA

Arpad E. Elo, *The USCF Rating System. Portion Under Consideration by FIDE*

Arpad E. Elo, *The proposed USCF Rating System. Its Development, Theory and Applications.*

Arpad E. Elo, *The international Chess Federation Rating System.*

Arpad E. Elo, *Theory of Rating Systems.*

El sistema de clasificación aplicado nacionalmente. Suplemento al presentado por la FIDE en 1970.

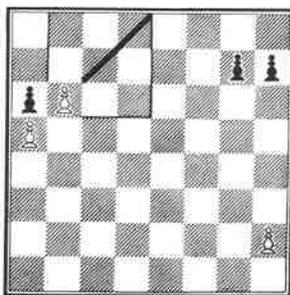
Anexo 1, adjunto a la carta circular nº 4, Ano FIDE 1972-1973.

Instrucciones a los organizadores o federaciones para los informes sobre los torneos en los que puede obtenerse una clasificación.

# O peão passado

Antes de mencionarmos o tema que pretendemos desenvolver convém fazer referência ao papel que o monarca desempenha no jogo de xadrez. Por definição este tem como objectivo a caça ao rei ou, mais correntemente, a colocação do rei (adversário, de preferência!) em xeque-mate. Conseguido o objectivo a partida acaba automaticamente, cabendo a vitória ao jogador que encostou o adversário às redes. O rei desempenha, portanto, o papel fundamental. É natural que, como consequência, qualquer dos jogadores se tenha habituado a salvaguardar o seu monarca contra a fúria dos exércitos adversários. Assim, na abertura convém rocar (na maior parte das situações) o mais cedo possível e no meio-jogo proteger o dito roque, enquanto paralelamente se procura infiltrações no quartel-general do inimigo. Desaparecendo do tabuleiro, com o desenrolar da partida, muitas figuras, desgastadas que estão os exércitos sujeitos à erosão dos combates, temos que os reis começam a respirar mais livremente e a aventurar-se nas zonas de batalha. Attingido o final da partida o valor de cada peça aumenta e o rei não é excepção, uma das únicas figuras presentes no tabuleiro e, portanto, capazes de dar ajuda aos peões e peças que aí figuram, para a conclusão de um eventual objectivo. Nos finais de peões atinge-se o caso extremo deste ser mesmo a única figura (o rei está sempre presente!) que sobrevive ao jogo, tendo normalmente ligada a si a responsabilidade de conduzir o que resta dos seus companheiros. O seu valor, consequência do papel que desempenha, atinge portanto o máximo nestes finais.

A partir de agora nunca dele nos separaremos, contando com a sua presença implícita no centro de operações que é o tabuleiro.

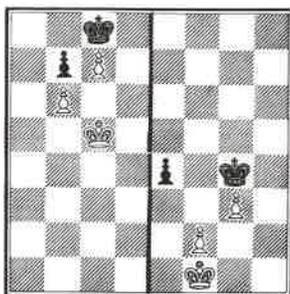


O xadrezista experiente, olhada a posição do diagrama por segundos que fosse, não teria dificuldade em isolar, de entre todas, a característica fundamental da estrutura exposta que é o peão b6. No flanco do rei damos-nos conta rapidamente da presença de uma maioria móvel de peões negros. No outro flanco, mais do que a maioria, essa maioria foi já traduzida na sua principal vantagem que é o peão passado.

Joguem brancas ou negras o peão de cavalo de dama atinge a 8ª bastante mais depressa do que qualquer dos seus congéneres. Assim, é obrigatório para as negras a presença dos reis no tabuleiro como forma de travar o peão b, visto que nestes finais (de peões) ele representa a única peça capaz de parar peões passados, impedindo a coroação de damas. O papel que o rei negro deve desempenhar será o de eliminar a ameaça representada por b6. E, quando dizemos eliminar, referimos controlar o seu avanço e se possível tomar (capturar) mesmo o peão de cavalo. Eis aqui a característica que valoriza o peão. A diferença de um peão passado vulgar o peão b6 não pode ser capturado caso não se mova: o peão a5 protege-o. Para capturar b6 o rei negro tem de passar pelo cadáver de a5. Caso capture a5, (ou mesmo ocupe b5), abandona automaticamente o quadrado do peão b, que corre para a 8ª. Resumo: o rei negro deve controlar o avanço do peão passado. Mantendo-se no seu quadrado, (evidentemente que em a8, ainda controla o peão, colocado que está no

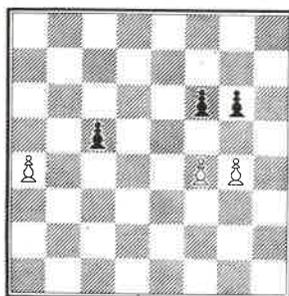
quadrado simétrico do peão. Segundo b6-b8, do quadrado apresentado no diagrama), não podendo, no entanto, abandonar esta situação ou transformá-la. Está preso. O rei branco está, portanto, livre de adversários, com todo o tempo que quiser à sua disposição para vaguear pelo tabuleiro e destruir a posição das negras. O que, convenhamos, é uma enorme vantagem. Coloquemos, por exemplo, os reis branco e negro em e3 e d6 respectivamente. Segue 1. Rf4 Rc6 2. Re5 Rd7 3. Rd5 g5 (o que pode ser interpretado como movimento desesperado. Recuar o rei permitiria 4. re6, com resultado idêntico, e jogar 3. Re7 4. b7 seria capitular) 4. Re5 h5 5. Rf5 g4 6. Rg5 e os peões caem. O nome técnico do peão b6 é o de peão passado protegido. Representa, em geral, para quem dele dispõe uma enorme vantagem (infinita de tempo.

Como é evidente, o que aqui se afirma segue como regra e está sujeita, como todas as regras gerais, a algumas excepções. A prática é, no entanto, a melhor forma de aprender como avaliar tais excepções. Limitamo-nos a apresentar 2 tipos correntes.



No lado esquerdo do diagrama basta às negras manterem o seu mais-que-tudo em c8-d7-c8, para evitar um avanço desagradável do adversário. O afogado, que surge mal o rei adversário pise d6, e7, ou e8 faz o resto. Note-se, claro, que se existissem outros objectivos de ataque no tabuleiro, o peão c7 voltaria a manifestar as suas vantagens, permitindo ao seu rei um passeio pelas 64 casas, em busca de outros proveitos, que assim não existem.

No lado direito os peões são móveis. A hegemonia do peão g3 pode ser ameaçada pelo avanço e3, pelo que o rei branco já não é livre. Exemplo: jogando, as brancas ganharham facilmente com 1. Re2 Rg5 2. Re3 Rf5 3. g4+ Rxc4 4. Rxe4 e o seu rei ocupa já as casas críticas do peão f2. Mas, jogando, as negras empatam com 1. Rf3 2. Re1 (ou 2. Rg1 e3 3. fxe3 Rxc3!) e3! 3. fxe3 Rxe3! e outro peão acaba, também, por cair.



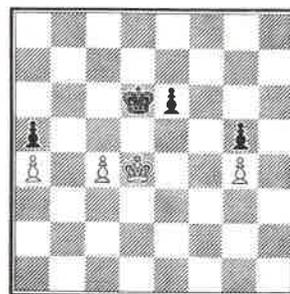
Um rei, colocado no centro do tabuleiro, dispõe à sua escolha de diversas rotas que o conduzem, de modo fácil e rápido, a todos os cantos do citado. É-lhe relativamente fácil atingir, em curtos espaços de tempo, qualquer ponto incluído nas 64 casas. Por outro lado, um rei que vagueie num canto do tabuleiro, dificilmente atingirá o canto oposto. Tal proeza poderá custar-lhe sete jogadas e não é preciso ser grande-mestre para notar que, em sete movimentos, se podem fazer grandes coisas.

Os peões passados podem ser tomados como maiorias móveis de 1 peão contra zero e, deste ponto de vista, constituem o caso extremo do conceito de maioria.

No diagrama distinguimos dois peões passados, um de cada bando, colocados respectivamente em a4 ec5. Aparentemente qualquer deles tem o mesmo valor, mas um estudo mais detalhado acaba por dar preferência ao peão a. Coloquemos os reis branco e negro, em d3 e d7 respectivamente. Neste caso, a saída não exerce influência no desfecho. As brancas ganham sempre. 1. Rc4 Rc6 2. a5 f5 3. g5 Rd6 4. a6 Rc6 5. a7 Rb7 6. Rxc5 Rxa7 7. Rd5 e os 2 peões negros são capturados, sendo impossível evitar a promoção de, pelo menos, um dos peões contrários. Caso jogassem as negras o esquema seria absolutamente análogo. 1...Rc6 2. Rc4 Rb6 3. a5+ (ou 3. Rd5 Ra5 4. Rxc5) Rxa5 (ou 3...Rc6 4. a6 Rb6 5. a7!) 4. Rxc5 Ra4 (as negras estão impotentes para acorrer em defesa do seu flanco de rei.) 5. Rd5 Rb4 6. Re6 e ganham

A função do peão a, embora fundamental, resume-se facilmente. Deve ser sacrificado com o objectivo de afastar o rei adversário do centro e flanco de rei, abrindo caminho para o rei branco. Mais uma vez o tempo desenrola o papel principal. Para capturar c5 o rei branco não é obrigado a deslocar-se significativamente do centro do tabuleiro, o que se não passa com a captura de a4. O rei adversário é obrigado a caminhar até à borda do quadrado, necessitando muito tempo para recuperar a posição de defesa no centro e flanco de rei, assistindo impotente à queda do seu império. De notar que, caso os peões f e g não existissem, as brancas não retirariam qualquer vantagem do facto de se encontrarem melhor colocadas, pois o rei negro não seria preciso noutro ponto do tabuleiro (aonde o branco em geral chegaria primeiro), tornando inúteis as jogadas de avanço de que o adversário dispõe.

Voltando à posição do diagrama podemos afirmar que a estrutura branca é superior e, salvo posições excepcionais dos reis (caso, por exemplo, de o rei branco se situar muito longe do flanco de dama, permitindo a tomada impune de a4 ou o avanço decisivo de c5), deve garantir a vitória ao 1º jogador. O peão a, em relação ao c, está mais afastado do centro. Por isso é denominado peão passado distante. Peão que, como vimos, confere normalmente vantagem temporal (e o conceito de tempo evolui, mais uma vez, como um dos conceitos fundamentais destes finais e do xadrez em geral) ao jogador cuja estrutura de peões o apresenta. Aqui chegados devemos fazer a seguinte referência.



O peão c4 por definição, constitui um peão passado distante pois em relação a e6 está mais afastado do centro (é um peão de ala enquanto e6 é um peão de centro). Pelas considerações anteriores seríamos levados a crer que as brancas podem aspirar a vencer. Contudo isto não acontece. E porquê? Quando o rei negro for obrigado a neutralizar o peão c afastando-se consequentemente do seu flanco de rei, o que deixa e6 e g5 na penúria, verifica-se que, longe de se encontrar mal colocado, a sua situação é excelente. Está mais perto do flanco de dama para capturar a4 e ajudar à promoção de a5. No exemplo anterior o rei não podia colaborar no combate, caso fosse afastado, actuando como figura inútil porque em seu redor não existiam objectivos de ataque.

Únicamente existiam peões no flanco de rei pelo que o monarca no flanco de dama só poderia cultivar-se turisticamente. Agora existem

peões em ambos os flancos, não havendo vantagem em afastar o rei negro do centro, pois este sempre encontrará algo que fazer em qualquer das alas.

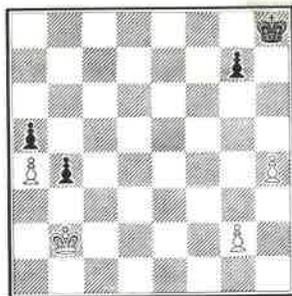
De um modo geral a existência de peões em ambos os sectores do tabuleiro (não incluímos naturalmente aqueles sobre os quais se tecem considerações de peões distantes ou não, casos de *a4* e *c5* no diagrama 3 e *c4* e *e6* no actual, que constituem normalmente moeda de troca em relação ao tempo) desvaloriza o peão passado distante. *c4* e *e6* neutralizam-se. Por exemplo: 1. *c5+* *Rc6* 2. *Re5 Rxc5* 3. *Rxe6 Rb4* 4. *Rf5 Rxa4* 5. *Rxg5 Rb4* 6. *Rf5*. Nunca 6. *Rf6?*?, que perdia porque o peão negro atinge a *8ª* e coroa com xeque, atingindo-se uma posição prevista pela teoria como vitória para o 2º jogador, ou 6. *Rh4?*? que perde a rainha — após a chegada dos peões à *8ª* fila, claro — com *Dh1+* e *Dg1+* — e os peões atingem a *8ª* ao mesmo tempo ou 1...*e5+* 2. *Re4 Rc5* 3. *Rxe5 Rxc4* 4. *Rf5 Rb4* 5. *Rxg5 Rxa4* com idêntico empate.

O que se diz sobre este peão pode-se aplicar sob nova versão ao peão passado protegido, que actua na sua grande força quando existem peões em vários sectores do tabuleiro. Limitando-se a estrutura de peões a um só sector aparecem com frequência posições de empate. Para compreender tal facto bastará aos nossos leitores voltar a considerar, no diagrama 2 a posição que figura na metade da esquerda.

Por último vamos aos problemas

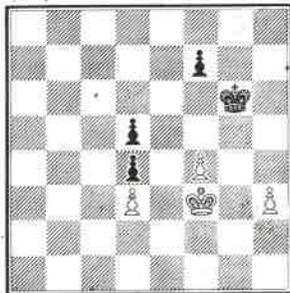
Branças: *Rb2 a4 g2* e *h4*. Pretas: *Rh8, a5, b4* e *g7*.

A vantagem negra é manifesta e caso o artigo tenha sido bem compreendido é imediata a justificação da dita pela presença de 1 peão passado protegido em *b4*. O rei negro pretende, como é óbvio, aproveitar a sua liberdade de movimentos para capturar o flanco de rei adversário e, em seguida, apoiar a coroação do peão *b* (ou *g* caso este sobreviva). Se o lance lhe pertencesse (ao seu bando) a vitória seria imediata com 1...*g5!* 2. *hxg5* (2. *h5 g4!*) *Rg7* “deglutindo” ambos os peões *g* para caminhar, em seguida, até ao flanco de dama apoiando, o peão passado em final idêntico ao que aqui foi estudado (com cores invertidas) e de novo mencionado mais baixo. Jogando as brancas, o movimento é forçado 1. *g4* (respondendo a 1...*g5?*? com 2. *h5*)



As pretas jogam e ganham

O rei branco dispõe da oposição. As negras ganham se conseguirem obtê-la o que é só possível na coluna *c*, visto que *c3* está controlado. Se o leitor se não se esqueceu do 1º artigo sobre finais de peões, onde se menciona este conceito, (revista nº 12), todas as chances estão do seu lado.



As brancas jogam e ganham

As negras ameaçam, com *f5* empatar imediatamente a partida, cortando todos os caminhos ao rei adversário.

Soluções dos anteriores:

Aqui chegados somos obrigados a proceder a rectificações. Nos diagramas 4 e 5 do artigo anterior faltaram as legendas o que destruiu, como é lógico, todo o exercício. Aqui vão elas: No diagrama 4 — “as brancas jogam e ganham” e no

diagrama 5 — “as pretas jogam e ganham”. Para evitar tentações só apresentamos as soluções após a rectificação que segue, incitando-o à resolução de ambas as questões.

Branças: *Rc3, a4, b5*. Pretas: *Rc5, a5* sobre a legenda “as brancas jogam e ganham”. Tivemos centenas de gralhas neste exemplo de modo que optamos por reproduzir a solução. 1. *Rd3 Rd5* 2. *Re3 Re5* 3. *Rf3 Rd5* (as negras não podem abandonar o quadrado do peão *b5*. Com esta manobra as brancas avançam o seu rei mais 1 fila o que se revelará crucial). 4. *Rf4 Rd6* 5. *Re4* 6. *Rd4 Rd6* 7. *Rc4 Rc7* (Eis o busílis. As brancas obtêm a oposição, porque o rei adversário não tem acesso à casa *c6* avançando sistematicamente. Para a vitória só falta um “fininho”) 8. *Rd5!* (era um erro grosseiro jogar 8. *Rc5 Rb7* 9. *b6?*? *Ra6* 1/2-1/2 pois *c6* está interdito. Deve-se ocupar *c6* quando o rei negro ocupa *b7*) 8...*Rb6* (ou 8...*Rd7* 9. *b6 Rc8* 10. *Rc6*) 9. *Rd6 Rb7* 10. *Rc5!* *Rc7* 11. *b6+* *Rb7* 12. *Rb5* e 13. *Rxa7*. Deslocando a posição uma coluna para a direita, tais cuidados não seriam necessários, pois não existiria afogado.

Cumpramos agora a promessa:

Diagrama 4: 1. *b6!* *axb6* (ou 1...*cxb6* 2. *a6!*! *bxax6* 3. *c6*) 2. *c6!* *!bxc6* 3. *a6* ganhando.

Diagrama : Lasker assinalou a vitória das pretas.

1...*a4!* 2. *Rf3* (é mau 2. *Rh5* por 2. *c4* com ideia de jogar 3. *c3!* 4. *bxc3 dxc3* e 5. *b4*. Caso de 3. *dxcc4* segue *bxc4* 4. *Rg3 Rg5* 5. *Rf3 Rh5* 6. *Rg3 Rg5* 7. *Rf3 Rh4* 8. *Rf2 Rg4* — tipo de manobra normalmente chamado de movimento envolvente do rei — e o peão *e4* cai.)

2...*Rg5* 3. *Re2* (ou 3. *Rg3 c4* 4. *Rf3 c3!* 5. *bxc3 dxc3* 6. *Re2 b4!* 7. *Rd1 bxa3* 8. *Rc1 a2*) 3...*c4!* 4. *Rd2* (4. *b3 cxb3* 5. *cxbb3 axb3* 6. *Rd2 Rf4* ganhando ou 4. *c3 dxc3* 5. *bxc3 cxd3+* 6. *Rxd3 Rf4*) 4...*Rf4* 5. *Re2 c3!* 6. *bxc3 dxc3* 7. *Rd1 b4!* 8. *Rf1 b3!* 9. *cxbb3 axb3* 10. *d4* *Re3* 11. *dxe5 b2+* 12. *Rc2 b1=D7* 13. *Rxb1 Rd2* e ganham.

Peões brancos no 1º caso e negros no 2º, muito avançados, com imensas possibilidades de romper a estrutura adversária criando peões passados, constituem as chamadas maiorias qualitativas.

JOSÉ P. SANTOS

## CRÓNICA DO “HIBERNADO”

# Relógios precisam-se!

Já evoquei aqui, numa série destas crónicas amenas, que procuro mais ou menos ligar duas épocas distantes do xadrez, a actual e aquela que vivi na mocidade, a minha primeira entrada na sala de xadrez da Sociedade de Geografia. Ou melhor, a impressão que causou ao rapazinho que então eu era, o primeiro contacto com o ambiente desconhecido do xadrez.

É curioso como a memória fixa pormenores passados vai para quarenta anos — e não me lembro de tudo quanto fiz ontem...

Só uma forte impressão poderá, decerto, reter na memória — ainda que nublosamente — algo que teve especial significado para nós. E foi o caso.

Por esse tempo, Alekhine passara por Lisboa e conduziu uma simultânea gigante, de que os jornais falaram porque o insólito os obrigara. Era, então, ler umas linhas de noticiário sobre xadrez. (Quem diria que, anos volvidos, e muitos foram, os novos diários haviam de consagrar páginas inteiras ao nosso jogo? !...). Nesse tempo (à volta de 1940) muito pouco mais haveria do que “O Século Ilustrado” a brindar os seus leitores com os mágicos diagramas de problemas de xadrez. E havia a Revista Portuguesa de Xa-

drez — que o primo Vinagre comprava e eu devorava... Não assisti à tal simultânea de Alekhine e andava ansioso por penetrar no mundo do xadrez... Foi como se entrasse numa cate-dral — como referi na aludida crónica, já não sei a que propósito (os paradoxos da memória!...)

Recordo-me da fascinação com que espreitei as estantes da biblioteca do velho G.X.L. — as mesmas que o Ateneu Comercial de Lisboa guardava ciosamente (qualquer dia tenho de lá ir bisbilhotar e “matar saudades”!...) E lembro-me da atenção que me despertou aquela maquineta (por vezes infernal, quando a seta começa a decair sobre o ponteiro) que é o relógio de xadrez.

Claro que a puerilidade de tudo isto fará sorrir quem me lê — e até a mim próprio, anos volvidos. Claro que a “malta” de agora encara tudo com a maior das naturalidades. Aliás, o meu garoto de oito anos, como bem observei, a primeira vez que jogou com relógio (e para cúmulo, integrado acidentalmente numa equipa do Benfica, na Póvoa de Santo Adrião), matraqueou aquela maquineta descontraidamente como se não tivesse feito outra coisa na vida...

Aliás, ele agora até tem a TV que lhe despeja “cenas” de xadrez — e eu, em 1940, nem sequer sabia o que era uma televisão... (Nem eu nem milhões de patricios de então).

Naquele tempo, os relógios de xadrez (haverá ainda daquelas relíquias no Ateneu?) eram o quádruplo dos actuais. Os mais modernos de então eram accionados por meio de alavanca na parte superior da caixa. Havia-os também com o manípulo na base inferior — o que (imagina-se) era muito pouco prático. Estes eram autênticos relógios despertadores de modelo comum, acoplados como irmãos siameses. E até faziam “trrim-trrim”...

Tudo isto me ocorreu há semanas — e vem a propósito esta crónica — aquando do “drama” que foi a organização das “24 Horas de Xadrez do S.L. e Benfica”.

Mais de centena e meia de inscritos e nós, os da secção de xadrez do clube, “ao tio ao tio”, à procura das preciosas maquinetas que possibilitam as competições de xadrez.

E depois do “drama benfiquista” (afinal, até sobraram relógios, graças à admirável solidariedade de “carolas” e clubes amigos), foi logo a seguir o “dramalhão” dos rapazes da Cooperativa “A Padaria do Povo”, que se meteram a organizar um “Open” (No meu tempo nem “Aberto” se chamava; simplesmente não havia!...) com carradas de boa vontade e só com

meia dúzia de relógios no armário. Claro, mais uma vez os "stocks" da Federação, da Associação, do Inatel, dos clubes e núcleos solidários, e os apelos para que os participantes trouxessem relógios, à razão de um por cada par de concorrentes...

Este "drama" é bem conhecido dos organizadores de Abertos — quer de partidas clássicas, quer de rápidas (o "xadrez-pingue-pongue" de antanho). O que será menos conhecido e que aqui reproduzo, à guisa de prevenção, para outros organizadores, foi o problema que se levantou aos esforçados "carolas" da Socopapo. Toda a preocupação se concentra em arranjar relógios e tabuleiros e só nas vésperas lhes ocorreu a necessidade de outro material indispensável: cadeiras para a malta se sentar!? ...

Claro que não podia ser como na festa do "Avante", em que o grande-mestre Tsheskovsky deve ter feito as simultâneas únicas da sua vida: com os adversários de pé, como ele!

Lá que a Cooperativa tivesse uma centena, ou umas poucas dezenas mais, vá que não vá. Mas para sentar mais de cento e sessenta pessoas (algumas das quais senhoras, que seria muito feio deixar de pé...) é que passava das marcas.

E eis os abnegados "carolas" da Socopapo a dar uma volta pelas colectividades de bairro, a pedir cadeiras emprestadas!

E assim, da solidariedade escaquística do empréstimo de material de jogo, passou-se à solidariedade da dança das cadeiras! E ninguém jogou

de pé. Também ninguém pôs na ideia o esforço que foi necessário para pôr o "Aberto Socopapo" a funcionar.

Afinal, houve não poucas faltas de comparação. Nem eram precisas tantas cadeiras, nem andar ao "tio ao tio", pela noite fora, quiçá sem jantar, pelas colectividades de Campo de Ourique...

As pessoas que se inscreveram e que faltaram, deviam ter vergonha — mas provavelmente nem chegaram a saber o trabalho que foi arranjar o material de jogo e tudo o resto.

Várias ilações se podem tirar desta história. Que enquanto houver carolas assim — na Cooperativa, como no Ginásio Clube do Sul em Cacilhas, em Santo António dos Cavaleiros como em Santarém — o xadrez terá a sua causa de difusão bem assegurada.

Que no xadrez lusitano ainda estamos no tempo das balizas às costas do futebol.

Que há um tremendo desequilíbrio. Espírito de iniciativa e boa vontade às carradas; míngua de material de jogo, muito especialmente relógios, para levar a cabo todas as sessões que estão na ambição dos organizadores dos grandes certames de xadrez.

Mesmo nos clubes se nota a carência de relógios para se realizarem torneios internos em moldes ideais. Na capital como na província, certamente.

Muito já faz a Federação pelo apetrechamento xadrezístico. Muito terá ainda a fazer.

Até porque quanto mais trabalha na popularização do xadrez, mais trabalhos e trabalhos arranja...

Estamos todos a exceder-nos. Com uma abnegação extraordinária, com "uma carolice" que ficará na história das etapas do desenvolvimento do xadrez na nossa insólita e ditosa pátria.

O que eu gostava de saber é o que a Direcção Geral de Desportos pensa de tudo isto. Se considera útil ou estéril esta nossa seara. Se pensa intervir ou não. Se quer ou não apoiar este nosso esforço generoso, compreender que é uma planificação para dotar a prática do xadrez — ginástica e desporto mental por excelência — com as necessárias condições de exercício.

Relógios, precisam-se. É fácil fabricá-los em Portugal, já que os problemas de divisas são o fantasma dos tempos que correm.

Tabuleiros, peças e relógios, precisam-se — e a DGD pode ajudar se tiver uma noção precisa do que se impõe que se faça, para aproveitar esta maré.

Não deixemos cair a seta... Este tipo de derrota é o que mais custa suportar.

Seria bom que a DGD se compenetrasse bem da causa pela qual lutamos — todos, uns aqui na Revista, outros na organização de torneios, no ensino, na participação colectiva.

Nós, xadrezistas, damos xeque; a DGD que dê o cheque...

Relógios precisam-se!

VASCO SANTOS

## O CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO

# Maia Chiburdanidze a um passo do título mundial

Continuamos este mês com a publicação das partidas do "match" para o mundial feminino que teve início em Pitsunda em 18 de Setembro. As duas primeiras partidas foram já apresentadas no último número.

Neste momento o resultado é já favorável à candidata, o que inclusivé não nos parece uma grande surpresa.

Maia dispõe assim de óptima oportunidade para primeiro atingir os necessários 8 1/2 pontos — ou seja, ultrapassar a metade de pontos necessários, nas 16 partidas do match, para destronar o já quase lendário reinado de Nona Gaprindashvili, que dura há 16 anos, tornando-se assim a mais jovem campeã do mundo de sempre.

O match tem sido fértil em surpresas e algumas inovações teóricas, a par de erros quase crassos. Mas destes também o de Manila tem sofrido, como, por exemplo, o de Karpov na 25ª partida, que não viu, no lance 36, um elemento ganho de dama a Korchnoy.

Enfim, Pitsunda tem demonstrado que o xadrez feminino pode ser tão correcto ou mesmo mais bem jogado que o masculino. Uma grande camada de senhoras aparece, felizmente, com mais frequência praticando a modalidade, embora, como é lógico, não atinjam por enquanto um tão elevado nível técnico.

Se, como diz o antigo campeão do mundo Mikhail Botvinnik, "os homens têm maior capacidade de trabalho e as mulheres cansam-se mais rapidamente, é de ter em conta que o organismo daqueles é mais simples".

Botvinnik acredita que as naturais de Geórgia são boas jogadoras devido a estarem habituadas a desempenharem um papel social preponderante.

te. E acrescenta: "o xadrez é a capacidade para tomar decisões em situações complicadas, como aquelas que as pessoas têm de se haver na vida real. Ora na maior parte das sociedades as mulheres participam muito menos que os homens na tomada dessas decisões".

Torna-se por isso imperioso, pensamos nós, uma cada vez maior participação nas resoluções a tomar a todos os níveis, que se o não tem havido ao longo dos séculos, é principalmente devido ao machismo ainda remanescente no sexo oposto.

### CHIBURDANIDZE — GAPRINDASHVILI

3ª PARTIDA  
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 e6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Cbd5 d6 7. Bf4 (quer a 6. Cbd5, que a 6. Bf4 as N poderiam ser ripostado com 6...Bb4!?) e5 8. Bg5 a6 (da inicial variante Paulsen — 2...e6 — Nona transferiu a posição para uma Sveshnikov com um lance a mais para ambas: Bf4 e e6) 9. Ca3 b5 10. Bxf6 gxf6 11. Cd5 12. Bd3 Be6 13. Dh5 Bg7 14.0-0 f4 (Até aqui vêm-se seguindo as partidas Zinn-Sveshnikov jogada em 1974, em Decin, e Bouwmeester-Rui Pereira do match por telex Portugal-Holanda) 15. c4 (para 15. c3 aconselhámos o leitor a analisar os bons comentários do Rui na RPX nº11, pág. 188) b4 (A partida Stean-Sax, Las Palmas, 1978, continuou com 15...bxc4 16. Bxc4 0-0 17. Tac1 Tb8 18. b3 Bxd5 19. Bxd5. Outra possibilidade seria 15...0-0 16. cxb5 Cd4 17. Cc2 Cxc2 18. Bxc2

axb5 19. Bb3 e as B estão bem em ambas) 16. Cc2 Tb8 17. b3 h6 18. g3 a5 19. Tad1 Dg5 20. Be2 0-0 21. Rh1



(Se 21...f5 22. Cc7 Bf7 23. Dxc5 hxc5 24. Txd6 Cd4 25. Cxd4 exd4 26. exf5 Be5 27. Tc6 Tbc8 28. Cd5! e as N não têm compensação pelo material. Podiam ainda ensaiar 21...Rh7 ou 21...Cd4. Para esta última as B tanto poderiam responder com 22. Cxd4 Bxd5 23. exd5, como com 22. Dxc5 hxc5 23. Ce7 + Rh7 24. Cxd4 exd4 seguido de 25. Cc6) Dxc5 22. Bxh5 f5 23. Cc7 Bf7 24. Bxf7 + Txf7 25. Cb5 fxe4 26. Cxd6 Td7 27. Cxe4 Tbd8 28. Txd7 Txd7 29. Rg2 Td3 30. f3 Rf7 31. Rf2 Td8 32. Re2 a4! 33. Td1 axb3 34. axb3 Txd1 35. Rxd1 Bf8 36. Re2 Ca5 37. Cd2 Re6 38. Rd3 fxc3 39. hxg3 Cb7 40. Ce3 Ca5 41. Cg4 h5 (lance secreto) 42. Cf2 Bc5 43. Cfe4 Be7 44. Re3 Rf5 45. Re2 Cc6 46. Rd3 Ca5 47. Rc2 h4! 48. gxh4 Bxh4 49. c5 Re6 50. Cc4 Cc6 51. Rd3 Be7 52. Ce3 Ca5 53. Cc2 Cxb3 54. Rc4 Cxc5 55. Cxc5 + 1/2:1/2 (Pois após 55...Bxc5 56. Rxc5 b3 as B são forçadas a procurar a igualdade).

### GAPRINDASHVILI — CHIBURDANIDZE

4ª PARTIDA  
Reti

1. Cf3 (Pela primeira vez no match a campeã

do mundo subtrai-se ao habitual 1. e4) Cf6 2. g3 d5 3. c4 e6 4. Bg2 dxc4 5. a4 g6 6. Ca3 Dd5 (A prematura "centralização" da dama é possível devido à posição do cavalo de dama branco. Não menos correcto é 6...Bg7 7. Cxc4 0-0) 7. 0-0 Ca6 8. Ce1 Dh5 9. Cxc4 Bh3 (Procurando eliminar o importante bispo de fianqueto, controlador à distância do centro, ao mesmo tempo que se enfraquece o roque branco) 10. Cf3 Bxg2 11. Rxxg2 Bg7 12. d3 0-0 13. h3 Dd5 14. Bd2 Rfd8 15. Dc2 (As B não lutam pela iniciativa. Parece preferível 15. b4 e se 15...Ce4 então 16. Ce3) h6 18. Db3 b6 19. e4 De6 20. Ch4 (A ideia seria prosseguir com f2-f4, porém o lance do texto só serve para desproteger ainda mais o centro branco. Para 20. Ce1 as negras dispunham de Cxe4)



**Cb4!** (Castigando o plano das B. Já se ameaça 21...Cxd3. A partir de agora a cavalaria negra vai explicar porque é que 2 mais 2 são 4) 21. Bxb4 cxb4 22. Tfe1 (O fantasma do cavalo liquidado ainda paira sobre o tabuleiro. O peão b4 é "intocável", pois se 22. Dxb4: quer 122...Cxe4 23. Tfe1 Dc6 24. dxe4 - 24. Txe4 f5! - Txd1 25. Txd1 Dxe4+, quer 11 22...Txd3 23. Txd3 Dxe4+ 24. Tf3 Txc4 dão clara vantagem às B) **Cd7!** 23. Dc2 Cc5 (jogar-se-ia ainda este lance mesmo que as N tivessem tomado de dama em b4) 24. b3 a6 25. Cf3 b5 26. axb5 axb5 27. Ce3 Ca4 28. Da2 Cc3 29. Da5 Cxd1 30. Txd1 Dxb3 31. Dxb5 Tc3 32. Db7 Txc3 33. Txd3 Txd3 34. Cd5 Txf3 e Maia obtém a sua primeira vitória no match. 0:1 (Após 34. Dxe7 Txe3 35. fxe3 Dx2+ e o peão negro de b vai a dama).

## CHIBURDANIDZE - GAPRINDASHVILI

5ª PARTIDA  
Pirc

1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 4. Cf3 Bg7 5. Be2 c6 6. a4 (A partida Karpov-Hort da XXI Olimpíada em 1974, continuara com 6. 0-0 0-0 7. h3, sequência que ambas virão a adoptar na 7ª partida. Em 1974, Hort prosseguira com 7...b5 8. e5 Ce8 9. a4 b4 10. Ce4 Bf5 11. Cg3 Be6 12. c4 bxc n.p. 13. bxc3 Bd5 14. Te1±) a5 7. 0-0 0-0 8. h3 Ca6 9. Te1 (O campo para estudo nesta defesa é fértil em novas possibilidades. Aqui joga-se também: 19. Bg5 h6 10. Be3 Rh7 11. Cd2 d5 12. exd5± Antoshin-Ciocaltea, Budapeste 1973; 11 9. e5 dxe5 10. dxe5 11. Txd1 Cd7 12. Bf4 Cac5 13. Te1 Ce6 ∞, Dueball-Planinc, o1. Nice 1974. No recente match de candidatos Spassky ensaiou em Reykjavic, contra Hort, primeiro, na 6ª partida, 11 9. Be3 Cb4 10. Dd2 Dc7 11. Tad1 Te8 12. Tfe1 Bd7 13. e5 Cfd5; depois, na 8ª, 1V 9. Bf4 Ce7 10. Te1 Bd7 11. Bh6 b5 12. e5 Cfd5 13. Ce4± Ciric-Bronstein, Amsterdão 1968 - Ce6 11. Be3 Dc7 12. Bf1 Td8 13. Dd2 Bd7 14. Bh6 Be8, tendo ambas terminado empatadas) **Dc7** (No campeonato da Hungria de 1970, Vadaz obtivera vantagem contra Haag jogando 9...Cb4. A partida prosseguira com 10. Bf1 e5 11. g3 Te8 12. Bg2 exd4 13. Cxd4 d5 14. e5 Ce4) 10. Bg5 h6 11. Be3 Rh7

12. Dd2 Cb4 13. Tad1 Bd7 14. Ch2! (Se 14. e5 Cfd5 15. Cxd5 cxd5 16. exd6 exd6) b5 15. Bf3 bxa4 16. Cg4 h5 (Seria preferível 16...Cg8 conquanto a iniciativa continuasse a pertencer às B) 17. Cxf6+ exf6 (Após 17...Bxf6 as B dispunham de 18. g4. Possivelmente ainda melhor seria o simples 18. Bg5 procurando eliminar o mais importante defensor do rei N) 18. Bf4! (As B obtiveram excelente actividade para as suas peças e ameaçam jogar e4-e5) **Tfe8** 19. Cxa4 g5 (Caso as N intentassem 19...c5 20. Cxc5 seria suficiente) 20. Bg3 g4 21. hxg4 hxg4 22. Be2 f5 (A ala de rei N fica, com efeito, toda esburacada, porém não se podia jogar 22...Txe4 por causa de 23. Bd3 Cxd3 24. Txe4) 23. exf5 Bxf5 24. c3 Cd5



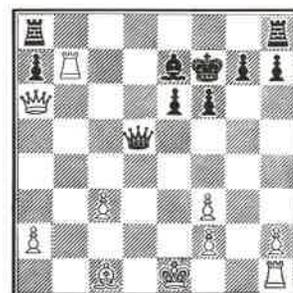
25. Bd3! (Correcto e lógico, pois se 25...Dd7 então 26. Bxd6 ou 26. c4 ameaçando levar o cavalo de a4 a b6 com clara vantagem. Não seria tão bom 25. Dg5 pois as N poderiam responder 25...Bc2, mas não 25...Be6 por causa de 26. Bd3+ Rg8 - f5 27. Txe6 Txe6 28. Dxf5+- 27. Ce5±) **Bxd3** 26. Dxd3+ Rg8 27. Df5 Cf6 28. Df4 Db7 (O peão de d6 vai cair e Nona procura contra atacar. Maia deveria ter jogado 29. Bh4 e se Cd5 então 30. dxd6) 29. Dxd6 Ce4 30. Txe4 (Procurando manter a iniciativa) Txe4 31. Ce5 De7? (Erro. A linha 31...Dxb2 32. Cxe4 De2 dava chances de igualar) 32. Cxe4 Dxe4 33. Ta1 a4 34. b3? Bf8? (As B omitiram 34. Df4. Depois de 34. b3? a3! conduz ao empate, pois não se pode jogar 35. Txa3 devido a Db1+) 35. Df4 Dg6 36. Bxa4 Txa4 37. Txa4 Db1+ 38. Rh2 Dh7+ 39. Bh4 Dxb4+ 40. Rh1 Dh5 e as B selaram o seu lance 41. Ta8. Todavia Nona já não continuaria a partida. 1:0

## GAPRINDASHVILI - CHIBURDANIDZE

6ª PARTIDA  
Caro-Kann

1. e4 c6 2. d4 d5 3. exd5 cxd5 4. c4 Cf6 5. Cc3 Cc6 (Quer 5...e6 quer 5...g6 são também bastante utilizados) 6. cxd5 (6. Bg5 conduz normalmente a posições agudas) **Cxd5** 7. Cf3 Bg4 8. Db3 (A dama B pressiona sobre b7. A opção seria 8. Bb5. Numa partida por correspondência, em 1925, Nimzovitch igualara contra Krause jogando 8...Tc8 9. h3 Bxf3 - Bh5 10. 0-0 e6 11. Te1 Be7 12. Te5 ∞ - 10. Dxf3 e6 11. 0-0. Alguns anos depois, em 1931, Alekhine ensaiou contra o mesmo Nimzovitch 8...Da5 obtendo vantagem após 9. Db3 Bxf3 10. gxf3 Cxc3 11. Bxc6+ - 11. bxc3 e6 12. d5! exd5 13. 0-0 com ataque - bxc6 12. Db7? Cd5+! 13. Bd2 Db6 14. Dxa8+ Rd7 15. 0-0 Cc7. Há um par de anos atrás, 1976, Rat repescou o lance 8...Da5 contra Keene. Este continuou com o já conhecido 9. Db3, mas as N, após Cxc3 10. bxc3 Bxf3 11. gxf3 e6 12. d5 a6 13. dxc6 axb5 14. cxb7 Tb8 15. Tb1 Txb7 16. a4 b4 17. Bd2 De5+ 18. Rf1 Dd6 19. Be1 Dd3+ rorçaram o empate, o que talvez não acontecesse se as B tivessem optado por 19. Be3 em lugar de Be1) **Bxf3** 9. gxf3 (9. Dxb7? Cdb4! 10. gxf3

Tb8 conduz "apenas" à perda da dama) e6 (O correcto. 9...Cb6 fora ensaiado na partida Sissniewa-Grosspeters, Innsbruck 1977, e após 10. Be3 e6 10. 0-0-0 Tc8 12. Rb1 Dc7 13. Cb5 Db8 14. Cxa7! Cxa7 - 14...Dxa7 15. d5! - 15. Dxb6 Cc6 16. d5 exd5 17. Bh3 Td8 18. The1 Bd6 19. Bg5+ Ce7 20. Txe7+! Bxe7 21. Te1 Dd6 22. Dxd6 as N abandonaram) 10. Dxb7 Cxd4 11. Bb5+ Cxb5 12. Dc6+ Re7 13. Dxb5 (Incorrecto seria 13. Cxb5?, como foi demonstrado por Stezko em 1971 contra Juravlev por meio de 13...Tc8 14. Cd4 Dd7 15. Be3 Txb2 16. Dc4 f6 17. Td1 Rf7 18. Cb3 Be7 19. 0-0 Tc8+) **Dd7** (Panov aconselha 13...Cxc3 14. Bxc3 Dd5 15. Dxd5 exd5 16. Tb1 Re6 17. Be3 com melhor final para as B. Mesmo com 14. Db4+ Re8 15. Dxc3 Tc8 16. Db3 Tb8 17. Da4+ Dd7 18. Dxd7+ Rxd7 19. Be3 Bb4+ 20. Re2 Bd6 21. b3 a6 22. Thg1 g6 23. Tgd1 Thc8 24. Td2 Tc6 25. Tad1 Tb5 26. Bf4 e5 27. a4! as N estão mal) 14. Da5 (Em lugar de 14. Cxd5+ exd5 15. Db4+ Re8 16. Dd4± ou 14...Dxd5 15. Dxd5 exd5 16. Be3±, como indica a "Enciclopédia" jugoslava. Todavia, em 1976, Bukic, em Banja-Luka contra Shibarevic, jogou 16...Re6 17. Tc1 Bd6 18. Bd4 Be5 19. Bxe5 Rxe5 20. Rd2 Thb8 21. The1+ Rd6 22. Tc2 Tb7 e as B nada obtiveram) **Cxc3** 15. bxc3 f6! (Dando a casa f7 ao monarca negro) 16. Tb1 Rf7 17. Da6 Be7 18. Tb7 Dd5!



(Mas nunca 18...Dc8? por 19. Ba3! Dxc3+ 20. Rf1 The8 21. Rg2!! - inferior seria 21. Dd6? pois após 21...Dxf3 22. Txe7+ Txe7 23. Dxe7+ Rg8 24. Dxe6+ Rh8 o rei N escapar-se-ia por um triz, ou ainda 21. Bxe7 Txe7 22. Txe7+ Rxe7 23. Db7+ Rd6 24. Rg2 Dd2! 25. h4! Dd5 26. Db1! com vantagem, impedindo o perpétuo salvador - Dd2 22. Tc1!) 19. Ba3 The8 20. 0-0 (Se 20. Tg1 então Tad8!) **Dxf3** 21. Tf1 Tad8 22. Dxa7 Dg4+ 23. Rf1 Dh3+ 24. Rg1 1/2:1/2

## CHIBURDANIDZE - GAPRINDASHVILI

7ª PARTIDA  
Pirc

1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 4. Cf3 Bg7 5. Be2 0-0 6. 0-0 c6 (A campeã do mundo conhece bem esta variante. Ela própria já a utilizara no anterior match mundial, o de 1975, contra Alexandria. Então jogara-se também 6...Bg4 7. h3 Bxf3 8. Bxf3 Cc6 9. Ce2 e5 10. c3 Te8 11. d5 Ce7 12. c4 Cd7 13. Te1 f5) 7. h3 Cbd7 8. Bf4 Da5 (Se 8...Ch5 9. Bg5 Te8 10. Dd2 Dc7 11. Tfd1 b5 12. a4 b4 13. Cb1 Chf6 14. De3±. Duvidoso teria sido 8...e5 9. dxe5 dxe5 10. Cxe5 Cxe4 11. Cbc4 Bxe5 12. Bxe5 Cxe5 13. Dxd8 Txd8 14. f4 Cd7 15. Tad1 com vantagem branca) 9. Dd2 e5 10. **Be3 Te8** 11. Tfe1 Dc7! (Na altura exacta, e continuando a defender a casa e5. 11...exd4 12. Cxd4 d5? 13. Cb3! apenas ajuda a recolocação das peças B) 12. dxe5 dxe5 13. a4 Bf8 14. Bc4 (Mesmo após 14. a5 as N continuam sem problemas no flanco de dama. Porém não deverão jogar 14...Bb4 devido a 15. Cb5! cxb5 16. Dxb4 Dxc2 17. Cd2 Também depois de 14...a6 15. Ta4 Cc5 16. Tc4 as B mantêm a iniciativa. Todavia em lugar de 15...Cc5 bom será 15...b5!) **Cb6** 15. Bb3 Be6 16. Bxe6 Txe6 17. De2 a5 18. Ted1 Cfd7 (A campeã do mundo aparenta estar bastante menos precipitada nesta partida do que nas anteriores. Ela evita assim 18...Bb4 ao que Maia poderia responder 19. Ca2 Cxa4 20. Cxb4 axb4 21. b3 Cxe4 22. Dc4! Cec3 23. Te1 b5 24. Dxb4 c5

8ª Taça Rilton. De 27 de Dezembro a 4 de Janeiro, Sistema Suíço a 9 sessões. Total de prémios US\$5 000, 1º prémio US\$2 200. Taxa de inscrição US\$45. 80 participantes. Inscrições até 1 de Dezembro para Federação Sueca de Xadrez, Homsgatan 82 B, 117 21 STOCKHOLM, Suécia.

25. Dh4) 19. b3 Tee8 20. Cd2 Bb4 21. Ca2 Bc5 22. Cc1 Bd4 23. Tb1! (23. Bxd4? exd4 daria chances às N) Cc5 24. c3 Bxe3 25. Dxe3 Ce6 26. Cd3 Tad8 27. Cxe5 (As B deveriam ter feito 27. Cb2!). Poder-se-ia continuar com 27...Td7 28. Cdc4 Cxc4 29. Cxc4 Ted8 30. Txd7 Txd7 31. Da7 b5!, mas o lance do texto permite às N ter iniciativa) Dxe5 28. Dxb6 Cf4 29. Cf3 (Perderia de imediato 29. Dxb7? visto seguir-se 29...Txd2! 30. Txd2 Dxe4 ameaçando mate em g2 e a torre em b1) Txd1+ 30. Txd1 Dxc3 (E não 30...Dxe4? devido a 31. Te1 Ce2+ 32. Rh1 Dc2 33. c4!) 31. Td8? (Se 31. Dxb7 Cxh3+ etc. Teria sido preferível 31. Rh2 Txe4 32. Dxe7 e se Dc2 33. Td8+! Rg7 34. Td7, ou se 32...Tb4 então 33. Td8+ Rg7 34. De7) Txd8 32. Dxd8+ Rg7 33. e5 Ce6



34. Df6+? (As B teriam encontrado a sua salvação por meio de 34. Dd1!, dando início a um correcto plano de defesa da sua ala de dama. E agora, após 34...Cc5 não serve 35. Dd4? por causa de 35...Dxd4 — mas não 35...Dc1+? 36. Rh2 Cxb3 37. Dh4! e as B recuperam as suas chances de ataque — 36. Cxd4 f6 37. exf6+ Rxf6 38. f4 g5! e o rei negro vai chegar primeiro. O justo seria 35. Dd6! Dc1+ — mas se 35...Ce4 então 36. Dd4 Dxd4 37. Cxd4 Cd2 38. f4 c5 39. Cb5 Cxb3 40. Cd6 b6 41. Cc4 Cc1 42. Rf2 — 36. Rh2 Df4+ 37. g3 Dxf3 38. Dxc5 Dxb3 39. Dxa5 com posição equilibrada) Rg8 35. Rh2 (Se 35. h4 Dxb3 36. Cg5 Dd1+! 37. Rh2 Cxg5 e o resultante final de dama não é favorável às B) Dxb3 36. Cg5 Cxg5 37. Dd8+ Rg7 38. Dxg5 (É notória a preocupação de Maia em conseguir cumprir o controle e adiar a partida, para nas análises de então tentar evitar o impossível. Também não servia 38. Df6+ Rh6 39. h4 Ce4! 40. Df4+ Rg7 41. Dxe4 Db4!) De6 39. De3 Dd5 40. g3 b5 (E, como a maioria N na ala de dama tem maior mobilidade) 0:1

SOBREDA ANTUNES

(1) Já depois de o presente texto estar composto, Maia Chiburdanidze empatou a 15ª partida do seu match com Nona Gaprindashvili, alcançando assim o almejado título mundial aos 17 anos! Esperamos que este triunfo da jovem xadrezista da Geórgia constitua um incentivo para o xadrez feminino em geral e em particular para as jogadoras portuguesas.

## Secção de consulta

Por absoluta indisponibilidade de tempo, ligada à actividade profissional do redactor, a Secção de Consulta não se publica neste número.

Tranquilize-se, porém, o leitor habituado a encontrar nesta secção, pela pena de Victor Silva, o esclarecimento das suas dúvidas. No próximo número voltará a ser atendido. Um pouco de paciência!

## PROBLEMAS

# A «Escada» e a «Rampa» com solução a prémio

É antiquíssimo o tema da “escada”. Infelizmente não posso, para mostrar aos leitores, algum exemplo dos compositores medievais que o apresentaram, quer em problema, quer em estudo.

Na “escada”, uma ou mais peças deslocam-se, quer subindo, quer descendo, em duas diagonais adjacentes ocupando, alternadamente, uma casa de cada cor.

Os exemplos são claros e um bastante simples, do século XIX, é o nº I.

Nele a “escada” da Dama está combinada com pregagem do peão negro b2.

I  
S. R. BARRET  
1874



5+3 12++

1. Dc3 Rb1 2. Dd3+ Ra1... 8. Dg6+ Ra1 9. Dg7 Rb1 10. Dh7+ Ra1 11. Dh8 Rb1 12. Dh1++

No exemplo II temos uma “escada” dupla, de T branca e R negro.

II  
A. C. WHITE  
1952



4+16 12++

É também um mate em 12 lances e o primeiro é óbvio 1. Tf2+

Note-se que estão presentes todas as peças negras. É um “maximal” negro. A designação é francesa. Existe também “minimal” quando dum lado só há Rei e peça (ou peão), ou só Rei.

Não é hoje nosso objectivo tratar este assunto, mas em próxima crónica o faremos.

Os dois exemplos vistos são mates “directos”, mas também há nos “inversos” excelentes realizações.

No nº III, “escada” de T branca, há um toque final elegante.

O tema vem combinado com xeques ao R branco, melhor com xeques cruzados a ambos os RR.

III  
H. MEYER

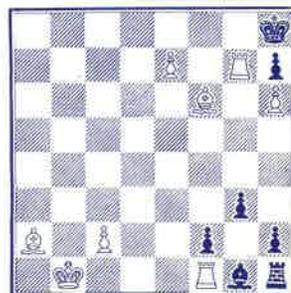


8+2 Inverso 11++

1. Tc2+ Rh7+ 2. Tc3+... 8. Tf6+ Rg7 9. Tg6+ Rh7+ 10. Tg7+ Rxg7 11. e8=B (este é o toque) Rf8++.

Outro mate “inverso”, belo exemplo que começa sem xeque, é o nº IV.

IV  
Irmãos MAI  
“Itália Scacchistica”, 1942



8+7 Inverso 12++

1. Ba1 g2 2. Tf7+ Rg8 3. Tf6+... 11. Tb2+ Rh8 12. Txf2 Bxf2++ Finalmente o nº V foi composto especialmente para esta crónica.

Não é uma “escada” mas tem parencas.

Talvez lhe possamos chamar uma “rampa” ou, lembrando-nos dos parques infantis, “o escorrega do P preto”.

V  
R. C. NASCIMENTO  
Inédito



10+4 6++

Não dou a solução. Tentem os leitores encontrá-la; não é difícil.

Entre os solucionistas que no-lo enviarem, sortearemos um prémio (modesto, é claro).

RUI NASCIMENTO

# INTERNACIONAL

## OLÍMPIADA

A XXIII Olimpíada masculina de xadrez e a VIII Olimpíada feminina, realizar-se-ão em Buenos Aires, capital da Argentina, de 25 de Outubro a 12 de Novembro do presente ano.

Enquanto no sector feminino mais de 30 equipas representarão os seus países, no escalão masculino as diversas formações nacionais deverão ultrapassar as seis dezenas. Assim sendo, a competição masculina terá de ser disputada num sistema suíço a 14 sessões.

Simultaneamente reunir-se-ão a Comissão qualificativa de provas nos dias 30 e 31 de Outubro, de 1 a 4 de Novembro o Comité central e, finalmente, a 5 de Novembro terá lugar a Assembleia Geral da FIDE sob a direcção do presidente, que mantém o cargo desde 1970, professor Max Euwe, antigo campeão mundial de Dezembro de 1935 a Dezembro de 1937.

## I OLIMPÍADA DE TELEXADREZ

### DDR E URSS FINALISTAS DEPOIS DE ELIMINAREM A ISLÂNDIA E A HOLANDA

A DDR, jogando em Berlim, derrotou por 4 1/2:1/2 a Islândia que imitia os seus lances de Reykjavik.

Observemos a partida disputada no 1º tabuleiro:

### UHLMANN – OLAFSSON Defesa Ragozin

1. c4 e6 2. Cc3 d5 3. d4 Bb4 4. Cf3 Cf6 5. cxd5 (Outra hipótese seria 5. Da4+ Cc6 com as bifurcações 6. a3, Ce5, e3 ou Bg5 todas elas conduzindo a uma relativa igualdade) **exd5** (tanto 5...Cxd5 como 5...Dxd5 6. e3 c5 7. Bd3 0-0 8. 0-0 Bxc3 9. bxc3 Cbd7 10. Dc2 cxd4 11. cxd4 b6 12. e4! dão vantagem às B) 6. **Bg5 h6** (Se 6...Dd6 7. Bxf6 Dxf6 8. Db3 Dd6 9. a3 ou 7. Cd2 c6 8. e3 Bf5 9. Db3 as B estão algo melhor) 7. **Bh4 c5** (O mais correcto. Após 7...g5 8. Bg3 Ce4 9. Cd2!? Cxc3 10. bxc3 Bxc3 11. Tc1 Ba5 12. Dc2 ±, Korchnoy-Hasin, cam. URSS 1961) 8. **a3** (Uhlmann conhece bem estas linhas; se 8. e3 Cc6 9. dxc5 g5 10. Bg3 Ce4 11. Bb5 Cxc3 12. Bxc6+ bxc6 13. Dd4 Cxa2+ 14. Cd2 0-0 15. Txa2 ± ou 14...Bxd2 15. Dxd2 d4! =) **Bxc3+ Tx. bxc3 Cc6** 10. **e3 g5** 11. **Bg3 Ce4** (A Enciclopédia indica a partida Sliwa-Kluger de 1962 sem e3 e Cc6: 9...g5 10. Bg3 Ce4 =) 12... **dx. dxc5 Cxc3** 13. **Dc2 Ce4** 14. **Cd2 Da5** 15. **Bd3 Cb4** 16. **Db1 Cxd3+** 17. **Dxd3**



17...Bf5 (17...Be6 aparenta ser bem mais sólido, enquanto o lance do texto pretende especular com a posição) 18. **Dxd5!** 0-0 19. 0-0 **Cxg3** (Para 19...Cxd2 então 20. Tfd1! e o bispo está no ar, e se 19...Dxc5 20. Cxe4!) 20. **hxg3 Be6** 21. **Dd4 Tfd8** 22. **Cc4 Dc7** 23. **Cd6 b6** 24. **Db2 bxc5** 25. **Ce4 Tab8** 26. **Dc3** (As casas pretas e a estrutura de peões das N encontram-se debilitadas, permitindo entradas) **c4** 27. **Cf6+ Rf8** 28. **Ch5 Td3** 29. **Df6 Tb5** 30. **Tab1 Txb1** 31. **Txb1 Tb3** 32. **Tc1 Tb5** 33. **Td1** (Se agora 33...Td5 então tanto 34. Dxh6+ Re8 35. Cf6+ como 34...Re7 35. Txd5 decidem) 1:0

## TORNEIOS DIVERSOS

Terminou a fase preliminar do 38º Campeonato feminino da URSS. As participantes foram divididas em duas séries: uma realizou-se em Kaliningrad, a outra em Chelyabinsk. Nesta, classificaram-se nos lugares cimeiros: 1ª Titorenko 11 1/2 (em 15 possíveis); 2ª Semenova e Fomina com 11. Na primeira daquelas cidades destacou-se Zalutovskaya com 11 1/2 sobrepondo-se em 1/2 a Levitina (participante do último torneio de candidatas). O 3º posto foi conquistado por Zaitzeva com 10 1/2.

O 27º Campeonato feminino da Bulgária que se disputou em Sófia, foi ganho pela GM Lematchko, participante do último torneio de candidatas, no qual fora eliminada por Ahmylovskaya (v. RPX nº 12). Lematchko ao perfazer 10 pontos em 13 possíveis, obteve o seu terceiro título nacional. Nos lugares imediatos situaram-se Schkova MI, com 9 1/2; Krumova, Nestorova e Borisova MI, todas com 9. O 6º posto foi ocupado por Assenova MI, com 8 1/2 pontos.

O Memorial Makarczyk, em Lodz, foi ganho pelo MI búlgaro Inkiow com 9 1/2 pontos. Nos lugares imediatos ficaram Helmers (Noruega) 9; 3º Lukacs MI (Hungria) e Luczac (Polónia) com 8 1/2. Com 8 pontos seguiram-se-lhes do 5º ao 7º posto os GM Kirov (Bulgária), Lengyel e Barczay (ambos da Hungria).

SOBREDA ANTUNES

# PARA RESOLVER

## Combinações

52  
GAPRINDASHVILI – SERVATY  
Dortmund 1977



Jogam as brancas

53  
KRUGER – ISKOV  
Dortmund 1978



Jogam as brancas

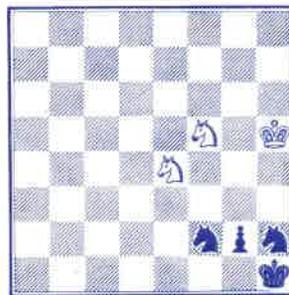
54  
BUZA – VAISMAN  
Mangalia 1977



Jogam as pretas

## Estudos e Finais

52  
S. LOYD  
"Chess Monthly" 1858



As brancas ganham

53  
J. SCHLESINGER  
"American Chess Nuts" 1868



As brancas ganham

54  
P. A. LARSEN  
"Skakbladet" 1932



As brancas ganham

## Problemas

52  
G. F. ANDERSSON  
"Il Secolo" 1921  
1º Prémio



5+6

2++

53  
R. SUTHERLAND  
"Sunday Times" 1966



14+8

2++

54  
E. VISSERMAN  
"Schackend Nederland" 1961  
1º Prémio



7+13

3++

(soluções na pág. 129)